

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



UMA RIVAL DE RAQUEL MELIER — A CANÇONETISTA VITALI, GRANDE SUCESSO DO «EMPIRE» DE PARIS (Foto G. L. Manuel Frères)

A todos os leitores deseja a «VOGA»
um feliz ANO NOVO.

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO
ESTE NÚMERO TEM 26 PÁGINAS E FOLHA DE MOLDES

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE. — Decorreu animada a encantadora festa de caridade que na tarde de quinta-feira passada se realizou nos salões da Liga Naval Portuguesa, organizada por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, patrocinada pela sr.^a Duquesa de Palmela, e cujo produto se destinava a favor da benemérita instituição de caridade «Oficinas de S. José», a qual constou de «Árvore do Natal», «Pesca milagrosa» e «chá dançante», que foi abrilhantado por um exímio «jazz-band».

Durante a tarde as vastas salas da Liga Naval estiveram sempre repletas de tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, ven-

Estoris, bem como de Lisboa e das outras praças da «enseada azul».

A dança, ao som do exímio quinto «jazz-band» Del Pino, prolongou-se, quasi sem interrupção, até perto das quatro e meia, sempre no meio da maior animação e alegria.

A noite de Natal no Grande Hotel de Itália foi, como era de esperar, verdadeiramente encantadora e, estamos certos, ficará para sempre gravada na memória de todos aqueles que a ela assistiram. O mesmo sucederá hoje, em que de novo se realiza o «réveillon» do fim do ano, havendo um interessante concurso de «toilettes», para o qual a direcção oferece artísticos prémios.

Nessa noite realiza-se também no Grande Casino Internacional do Monte Estoril, um «réveillon» do fim do ano, o qual será abrilhantado por duas orquestras «jazz-band», sendo uma de negros, havendo também durante a ceia exibição de vários números de variedades.

A noite do fim do ano, no Monte Estoril, vai, decerto, ficar marcada nos anais mundanos como uma das mais belas deste inverno.

CASAMENTOS. — Pela sr.^a D. Antónia Taborada Couto Bandeira de Melo, esposa do sr. Luís Bandeira de Melo, foi pedida em casamento, no dia de Natal, para seu filho Luís Filipe, a sr.^a D. Maria Antónia de Roma Machado de Paiva Raposo, gentil filha da sr.^a D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo e do sr. Tomás de Paiva Raposo.

A cerimónia realizar-se há por todo o próximo ano.

— Em Fevereiro próximo realizar-se há o casamento da sr.^a D. Alice Morimont Seabra, interessante filha da sr.^a D. Mercedes Morimont e do sr. Cassiano Seabra, ausente no Brasil, com o sr. Flávio Reis, filho da sr.^a D. Júlia Reis e do sr. António Reis, já falecido.

— Realizou-se com muita intimidade, em capela armada na residência do noivo, o casamento da sr.^a D. Georgina Laura Raymundo, gentil filha da sr.^a D. Laura Raymundo, já falecida, e do sr. José António Raymundo, com o distinto advogado sr. dr. Joaquim Manuel Ayres Gomes, pertencente a uma das mais distintas famílias da Índia, filho da sr.^a D. Maria Erminia de Barros Pereira Gomes e do sr. Júlio Henrique Vitor Gomes, já falecido, sendo celebrante o prior de S. Domingos, reverendo Damasceno Monteiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Duarte Valente Freitas e D. Fausta Santos e de padrinhos os srs. Visconde de Silveiras e dr. Orlando Marçal.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa um finíssimo lunche, partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria Luís Trigo Ravara, interessante filha da sr.^a D. Maria José Trigo Ravara e do ilustre clínico sr. dr. Artur Ravara, com o sr. António de Macedo Santos Belo, filho

da sr.^a D. Josefina de Macedo Santos Belo e do sr. António Maria de Oliveira Belo, devendo a cerimónia realizar-se no princípio do ano.

— Na paroquial igreja da Sé, realizou-se o casamento da sr.^a D. Laura Carolina Costa Alves, com o sr. Fernando Rocha Ferreira, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Carolina Costa Alves e D. Maria Fernandes Costa, e de padrinhos, os srs. Rodolfo da Silva Ramos e Joaquim Fernandes Alves.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento, no Porto, pelo sr. Anselmo Bento de Araújo Mourão, a

sr. Artur Metrass Campos, filho da sr.^a D. Emília Augusta Metrass Campos e do sr. João António Pereira de Campos, já falecido.

Serviram de madrinha da noiva, sua irmã, D. Laurinda Méca de Oliveira Castro e seu cunhado, sr. António Cláudio de Oliveira Costa, e por parte do noivo, seus irmãos Álvaro e Raúl Metrass Campos.

NASCIMENTOS. — A sr.^a D. Natália Fernandes dos Santos Romão, esposa do distinto tenente de artilharia sr. José Luís dos Santos Romão, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

BAPTISADOS. — Na paroquial igreja de Cascais realizou-se, no dia de Natal, o baptizado de uma filhinha da sr.^a D. Estela Belmarço da Costa Santos e do distinto capitão de engenharia sr. Casimiro da Costa Santos, tendo servido de madrinha sua tia materna, sr.^a D. Amélia Salter Belmarço, e de padrinho, seu tio materno, sr. dr. Vidal Navarro de Andrade Belmarço.

A gentil criança recebeu o nome de Elizabeth.

Finda a cerimónia religiosa, que revestiu um carácter muito íntimo, foi servido no Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, um finíssimo almoço.

— Realizou-se no dia de Natal, na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o baptizado de uma filhinha da sr.^a D. Maria Matilde Macieira de Araújo Coelho e do distinto assistente de clínica médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Eduardo Araújo Coelho, a qual recebeu o nome de Maria Matilde, tendo servido de madrinha da gentil criança a sua avó materna, sr.^a D. Estefânia de Macedo Dias Macieira, e de padrinho, seu tio, o ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz.

SORRINDO...

UMA PRETENSÃO ILEGÍTIMA

O sr. Jean Patou, costureiro universalmente célebre, publicou um estrado artigo sobre a psicologia do vestuário. «Aqui está um homem que escreve sobre um assunto em que é mestre, de que pode falar de catedra» — dizem.

Não pensamos assim. O sr. Patou não é mestre em psicologia mas em vestidos de senhoras, o que é muito diferente. Se, porventura, ele fôsse um bom psicólogo seria um mau costureiro e vice-versa. Não é o vestuário que tem psicologia, mas sim as pessoas que o usam. O sr. Patou não desnuda almas: veste corpos. E, embora supondo que, com os decotes e as saias curtas, vislumbra o que torna uma mulher diferente ou igual de outra mulher, enganase-se redondamente. Os vestidos só falam depois de sair do seu atelier, mas, nessa altura, deixa o sr. Patou de ficar em contacto com eles. A não ser que os tenha fornecido a crédito.

A GUILHOTINA... E O CABELO

Os cabelos curtos, como todas as grandes inovações, são dum modernismo de fácil e histórica contestação. Existiram em várias raças, em vários países, em várias épocas. Existiram na própria Revolução Francesa. E, contra toda a expectativa, não foi a tesoura dos barbeiros que mais contribuiu para essa moda. Foi a guilhotina, que decepando cabeças, e lindas cabeças de mulher, deu origem a um penteado chamado «à sacrificada».

Nos nossos tempos, — felizmente, de modo simbólico, — a guilhotina também interveiu. Não para decapar cabeças de mulheres, mas para cortar cerce as opiniões sobre estética feminina de muitos homens — alguns dos quais protestam iracundos antes de subir ao patíbulo duma moda que não consideram má — só por a acharem péssima.

CABELEIREIRO DE SENHORAS

R. Garrett, 74, 2.º, Esq.

Telefone Central 299

TRABALHO GARANTIDO

Corte de cabelo	3.000
Lavagem de cabeça e secagem eléctrica	3.000
Ondulação	6.000
Manucure	4.000
Tratamento e CURA dos CALOS pelos RAIOS VIOLETAS	

Mobiliás alemtejanas

Moveis de verga

Moveis Rotin

Grandes Armazens das Ilhas

Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801



A sr.^a D. Helena Pedroso Calleya, e o ilustre lente da Universidade de Madrid, sr. D. Julio Martinez Palacios, por ocasião do seu casamento, realizado em S. Sebastião da Pedreira, no dia 15 de Dezembro



A sr.^a D. Clotilde Helena Ribeiro Nevoa, e o sr. John Antonio Halbrittes, por ocasião do seu casamento realizado na igreja de S. Sebastião da Pedreira, no dia 17 de Dezembro

VOGA

AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTES

ALCANÇOU um êxito extraordinário, um êxito verdadeiramente fora de toda a expectativa, o número que Voga publicou por ocasião das festas do Natal. Primorosamente ilustrado, impreso a várias cores, inserindo secções que interessam a quantos mantêm aceso o culto do lar e da beleza, Voga constituiu, repetimos, um êxito fora do vulgar, atingindo as suas tiragens proporções inusitadas entre nós.

Ora o nosso desejo seria que o número da Voga por nós editado no Natal se tornasse o usual em números vulgares deste semanário ilustrado da mulher. Para as edições extraordinárias do Natal, Entrudo e Páscoa reserváramos números que superassem em absoluto o número agora publicado e que tamanho êxito alcançou. Mãos à obra, pois! Mas, para isso, leitoras, forçoso se torna que nos ajudem. Sôsinhos, por nós, nada podemos fazer mas, com o auxílio dos nossos milhares de leitoras tudo se conseguirá... Se cada uma das nossas leitoras angariar junto das suas amigas duas assinaturas da Voga, esta tornar-se há imediatamente aquilo que nós desejamos que ela seja, isto é, seis vezes melhor do que tem sido o que entre nós nunca foi igualado quanto mais excedido!

Contamos, pois, com a boa vontade e o valioso empenho das nossas leitoras. Que cada uma nos arranje pelo menos 2 assinaturas! E para aquelas que o conseguirem reservaremos um prémio condigno: a entrega imediata de volumes luxuosamente encadernados de obras de Aquino Ribeiro, Vitorino Nemésio, Antero de Figueiredo, Raúl Brandão, Antologia portuguesa, etc., e a escolha das nossas diligentes leitoras.

Mãos à obra, pois! Que cada uma das nossas leitoras nos arranje pelo menos 2 assinaturas! E Voga, que já é quanto de melhor se publica no seu género, passará a ser melhor, muito melhor ainda, se é possível!

Leitora recomende às suas amigas a

VOGA

a primeira, a melhor das publicações do seu género!

PERFUMARIA BALSEMÃO

Fundada em 1895

141, R. dos Retrozeiros, 143

Telefone: Central 2777

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços sem competência

Expedição rápida pelo correio á cobrança

ALMAS ANTIGAS
E ALMAS MODERNASAS MODAS EM ROUPAS BRANCAS
OU ROUPAS DE COR?

O sr. Clement Vautel apresenta numa das suas novelas — que, diga-se de passagem, tem como o mais saliente defeito o serem escritas apressadamente, — uma seita composta por pessoas de certa categoria social, denominada os «Refugiados do Progresso».

Esses supostos iluminados procuravam, para instalar a sua pitoresca associação, os pontos de Paris que melhor recordavam os séculos anteriores àquela em que vivemos. E para melhor caracterizar o seu horror pelos tempos modernos e sentir mais forte a sugestão dos séculos que foram, recorriam à indumentária das épocas anteriores à nossa, e discutiam com calor, com paixão, os assuntos que constituíam o viver antigo.

Que pretendiam esses seres, exigentes e bizarros? Desactualizar-se. Afastar-se da banalidade horrorosa, da horrível impiedade dos tempos modernos. Foram recuando assim, artificialmente, a vida. A princípio bastou, para os contentar o início do século XIX. Mas, logo, a revolução francesa os horrorizou: a decapitação de Maria Antonieta, o bárbaro assassinato da linda princesa de Lamballe, o fanatismo jacobino do enfático e palavroso Robespierre, mais o seu culto bizarro da Deusa Razão, precursora da Deusa Humanidade, de Augusto Comte, acabou por os indignar. Abandonaram esses inícios revolucionários e sangrentos do século XIX e chegaram a correr, esfaçados, para o século XVIII. Nos primeiros quinze dias, os «Refugiados do Progresso» viveram, nêles, uma rápida mas deliciosa idade de ouro. Passado o enlevamento, quebrado o encanto, quando os olhos em vez de se deslumbrar se tornavam investigadores, um estranho mal estar, uma surda revolta, os acometeu. Que apparecera nêse século, a princípio tão encantador, tão cheio de aristocráticos costumes, dominado pela elegância e pela galanteria, — nêse século que estava à considerável distancia de duzentos anos desta época de niveladores costumes, rendida ao poder dos *soi-disant* novos ricos, implacavelmente grosseiros e banais? Aparecera o sr. de Voltaire ou seja a heresia; o sr. Jean Jacques Rousseau, donde brotaram os oceanos mais encapitados da rebeldia contra os poderes constituídos, as utopias mais vermelhas, a proclamação do princípio quimérico e sedutor de que «o indivíduo nascia bom e a sociedade estragava-o». Rousseau era já a Revolução Francesa, era «a liberdade, a igualdade e a fraternidade». E como se, para se afastarem encolerizados, do século XVIII, não fôsem su-

O NOSSO NOVO
MODELO. SIM-
PLICIDADE E
ELEGANCIA:

A moda, para ser linda e apreciada, deve ser rápida, vertiginosa quasi.

Assim o quer o nosso tempo de velocidades.

Uma moda durável, é uma moda sem encantos, sem o inédito que a deve caracterizar. Não pode ter o lado prático da estabilidade, deve ser uma vertigem intensa que faça rodopiar todas as cabezinhas ávidas de evolução e de novidade. Assim o querem as elegantes de hoje e os srs. costureiros. E só assim se compreendem a sua influência e a sua atracção — a atracção do inconstante.

As saias curtas tem suplantado as saias tra-

comprida, havendo chapéus que dão ao rosto um ar ingénuo e curioso de boneca. Os chapéus de aviadora, por exemplo, em certos rostos tem esta influência. O chapéu em penas que publicamos é uma nova interpretação do de aviadora; é muito original e fica bem com facilidade. Feito em penas de cor azul forte e mosqueadas de castanho, é interessantíssimo.

Os colares de fantasia em cores fortes e variadas, que tanto alindam a cutis branca e macia, continuam em moda com o mesmo «charme», a mesma nota de elegância.

E temos agora o modelo «Voga».

Nestes últimos dias em que a chuva bastante

OS CHAPÉUS DE
PENAS E Á AVIA-
DORA. OS NO-
VOS COLARES:

As peças de «lingerie» tornaram-se verdadeiras obras de arte. Rendas finíssimas, rosas minúsculas e plissados miúdos, tudo contribue para o embelezamento destas pequeninas peças tão finas e vaporosas. O branco tem, com a moda, perdido muito do seu valor; o símbolo de pureza e candura foi substituído pelas cores discretas e mesmo fortes que tão lindos efeitos produzem em combinações de tons.

Na maioria dos enxovais predominam o lilaz, verde claro, cor de rosa, cereja, etc., e também o branco, com o qual, apesar da evolução, tão lindas e transparentes «parures» se confeccionam.

Os «deshabillés» e os pijamas, cada vez mais em moda, também estão adquirindo tantos requintes de enfeites e de recorte que se torna necessário muito bom gosto para sua escolha.

A nossa página apresenta uma série de modelos todos escolhidos com critério e ponderação.

Desde as camisas de noite ao «deshabillé», todos são lindos de uma graça extrema, cheia de finura e elegância. Estes modelos, executados em seda ou tecidos leves, e em cores suaves, são dum efeito extraordinário.

O pijama, em seda lilaz com borbados bulgaros, é duma simplicidade cheia de encanto. O seu conjunto é mimoso e tão leve e discreto que certamente vai tentar as nossas queridas leitoras.

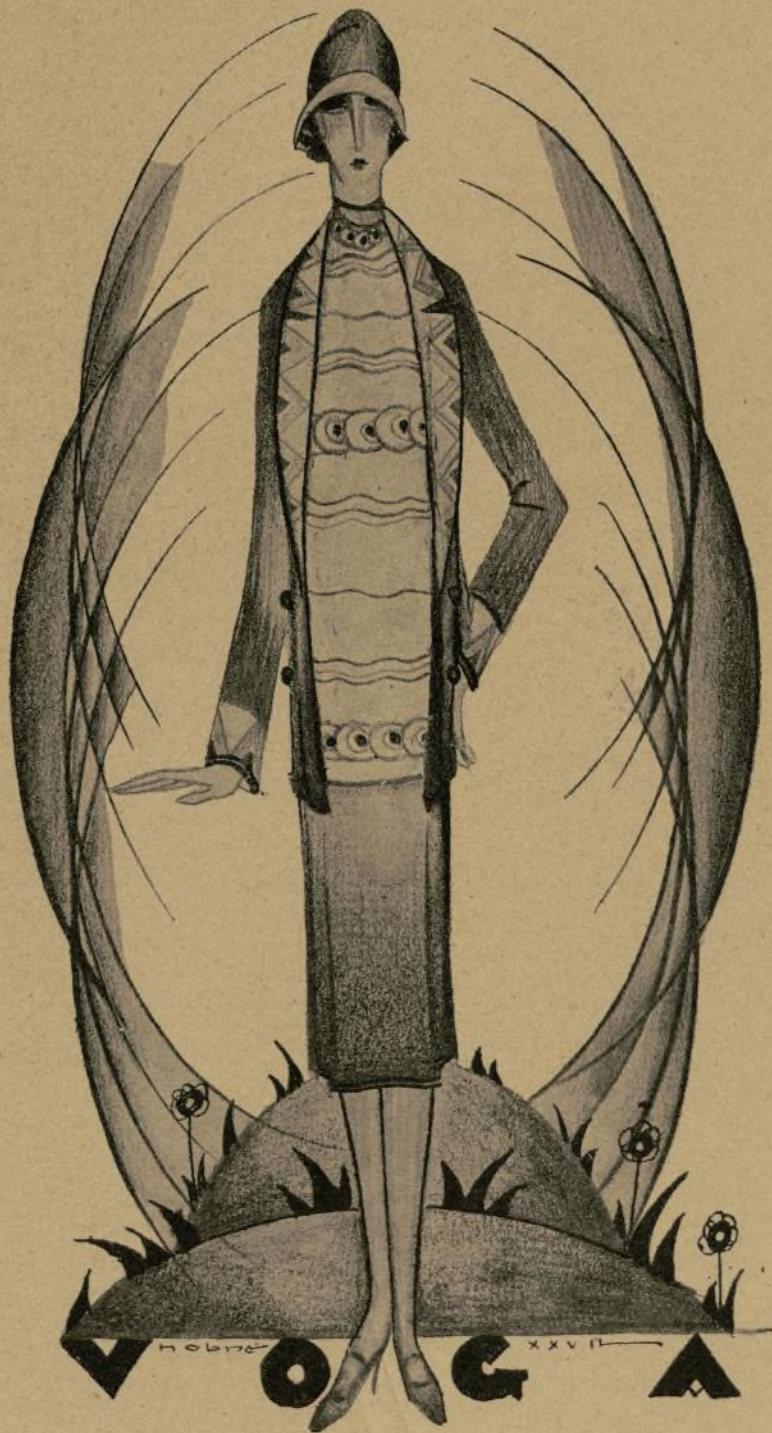
As duas camisas de noite, que podem ser executadas em seda ou algodão, com rendas finíssimas e estreitas pregas, são dois modelos de efeito e que também serão acolhidos com o entusiasmo que merecem.

O «deshabillé» é luxuoso e lindo.

Quem desejar fazer dêste modelo um mimo de elegância e riqueza, deve executá-lo em crêpe da China verde-jade e rendas prateadas. Como veem, fica lindo, e para as noivas que tanto empenho têm em fazer os seus «deshabillés» encantadores, aqui deixo a ideia que é magnífica. Também poderá ser efectuado com rendas vulgares, cremes ou brancas, as quais, tirando-lhe a nota frisante de riqueza lhe conserva o mesmo chic.

As combinações — calça e camisa, calça, — são extraordinariamente práticas.

Para as leitoras que desejem conservar a silhueta esguia é o ideal; a combinação-calça (trois pièces) feita em azul forte com rendas cremes, fica encantadora. O corpo leva três



ficientes o perfido ar de Voltaire, e o não menos perfido sr. Rousseau, depararam com o sr. Diderot que não estava em cheiro de santidade e com o perfidíssimo sr. barão de Holbach — o sr. barão de Holbach, em quem descobriram, desmoralizador e irreverente, audacioso e pedante, o ateísmo, o ateísmo do sr. Felix Le Dantec! E esse século maldito tinha outros horrores e horrores tais que se recusaram a citá-los, receosos de manchar os lábios e de ficar com a alma, irremediavelmente maculada.

Os «Refugiados do Progresso» cavalgaram o corcel da fantasia e só pararam no século XVII. Aconteceu-lhes que, ao fim duma quinzena toda de severa análise, se viram forçados igualmente a abandoná-lo. E continuaram, com heroísmo, com pertinácia, recuando sempre, desenterrando do pó, exumando dos sepulcros as grandes figuras da história, os séculos idos. Sempre infelizes, sempre desolados, ao fim de vários recuos, ao fim de duzentas páginas do sr. Clement Vautel, sentiram penetrar-lhes a alma uma dúvida cruel. Teria existido alguma vez um famoso século que pudesse servir de refúgio para as suas almas, inimigas, profundamente inimigas da vida moderna?

O sr. Clement Vautel poderia mesmo conduzir os «Refugiados do Progresso» à época quaternária que eles acabariam por manifestar o seu descontentamento a que, embora com força lógica e exagerada expressão, poderiam designar de secular.

É claro, que os «Refugiados do Progresso», não podem nem devem ser tomados a sério. São filhos daquêle humorista francês de espí-

vadas e plissadas; agora estão em moda os graciosos «godets» variante de interesse e que, por ser rápida, segundo creio, deve encontrar bastantes entusiastas.

É uma moda que lança nos magazines das novidades de elegância, uma nova criação, uma nova variedade de corte, que aceitamos com alegria.

Uma mudança de silhueta é tão agradável, e quem não deseja variá-la? Os chapéus tem uma influência extraordinária na beleza feminina. Conforme o seu modelo e corte, assim a cara se transforma em mais redonda ou mais

rito simultaneamente ligeiro e cáustico; são uma *blague*, e como tal devem ser julgados.

Se o sr. Vautel os quizesse contentar e tornar felizes, mandava-lhes despir a indumentária das suas reconstituições históricas, abria-lhes, de par e par, as janelas dos antigos palacetes que habitavam e apontava-lhes a rua: um simples bombeiro que passasse evocar-lhes-ia logo, os tempos romanos, os costumes romanos. E os «Refugiados do Progresso» rejubilariam de alegria; encontrariam apenas no simples capote do bombeiro o que não souberam descobrir nos diferentes séculos de que foram excursionistas, ávidos e desolados.

nos tem apouquetado, e em que as horas decorrem tristes e opacas, agrada-nos mais um vestido, simples e escuro, — sem que por isso deixe de ser elegante, — do que os vestidos chics e luxuosos.

O modelo «Voga» é um elegante «tailleur» em pano cinzento escuro com gola e punhos de fantasia.

A blusa, u melegante «sweater» de malha em dois tons, completa o prático, elegante e quente «tout-aller». Um pequeno feltro, na cor do vestido e enfeitado de cinzento claro, harmoniza o conjunto.

MADemoiselle X.

Aquelas almas que se obstinavam em ser antigas, eram modernas, moderníssimas! Só viam no passado, tudo quanto lhes recordava o presente; só viam nêla a abominação, como se a abominação não fôsse de todas as épocas! Se outra fôsse a sua alma, outra teria sido a sua visão. Uma coisa, porém, os poderá resignar na sua deplorável derrota: o espectáculo cómico, roçando pelo ridículo, de certas criaturas que julgando-se, em sua mais que visível ingenuidade almas modernas, ultra-modernas, são antigas, tão antigas que dir-se-iam anteriores — à própria antiguidade!

CRISTIANO LIMA.

ordens «à jour» nos intervalos do recorte da renda, e remata com seis pequeninas rosas que tanta graça e leveza dão a estas roupas. A calça é enfeitada com a renda na mesma disposição, e a saia apenas é enfeitada com pregas e «à jours».

O modelo com a renda formando bicos e grupos de pregas miúdas, é encantador sendo realizado em branco. É de uma finura de conjunto que requiere a mesma harmonia de cor. Em cor forte com rendas claras perderia imenso da sua graciosidade.

Por ultimo, temos outro lindo modelo com um «empiècement» em tule bordado. Feito em cor salmão com tule no mesmo tom fica encantador. A calça com os lados todos pregueados em ponta, completa o original modelo.

Todos os modelos que a nossa pagina apresenta são, como decerto veem dum bom gosto e requinte completo e nela encontrarão alguns que plenamente lhes agradem.

LILIANA.

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Adquirem-se noções de todas as
coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

CINCO
CONSELHOS POR SEMANA

PARA uma queimadura sem importância, o melhor remédio é uma rodela de batata nova e crua, esmagada e pulverizada sobre a parte queimada.

Para tirar nódoas de gordura do calçado, basta esfregar sobre ele um pouco de giz, deixando-o assim durante um dia. Em seguida escovar, e caso a nódoa não tenha desaparecido, repetir a operação.

As cinzas resultantes de uma manga de incandescência, das vulgarmente usadas nos bicos de gás, constituem o melhor material para limpar jóias, e o seu efeito é absolutamente garantido com a vantagem de não riscar o ouro ou a prata.

Para evitar a ferrugem de quaisquer utensílios de cozinha feitos de folha de Flandres, tais como cafeteiras, panelas, caçarolas, latas para pudings, etc., basta após a sua compra, antes que entrem a uso, cobri-las com uma leve camada de gordura, levando-as em seguida ao forno.

Todos os utensílios de folha de Flandres, tratados desta forma, não mais poderão oxidar-se.

Um dos processos mais práticos para a conservação das roupas brancas arrecadadas, consiste em várias vezes as desdobrar e tornar a dobrá-las pelo lado oposto àquela em que estavam dobradas, a fim de que o vinco resultante, não recorte o pano.

Verificar-se há assim que todas as toalhas, lençóis, etc., que regularmente foram submetidos a esta operação, poderão ser conservados durante muito mais tempo do que se estivessem dobrados sempre para o mesmo lado.

Evitem sempre deitar fora os cotos e pedaços de velas. Tendo-se-lhes extraído o resto dos pavios, se se cortar esses restos em pequenos pedaços para em seguida os lançar na goma de engomar, notaremos que a roupa ficará muito melhor e mais «encorpada».

ANO BOM SCIENTÍFICO

Problema n.º 1 — Se dois convivas sentados à mesma mesa num jantar de Ano Novo, se encontram a distâncias desiguais do perú recheado, calcular a qual deles corresponde o círculo máximo relativo ao referido perú.

Solução — Ao mais próximo.

Problema n.º 2 — Determinar trigonometricamente: Sendo dados os dois lados de um triângulo rectangular formados pela altura «b» do esofago do conviva mais próximo e a distância «c» entre o seu estomago e a travessa com o perú, achar a hipotenusa «a».

Solução — $T B \quad G \quad 90 - B - B$
igual à distância mínima entre o perú e a boca do conviva.

Problema n.º 3 — Traçar a linha resultante de uma alegre ceia de Ano Bom.

Solução — Um zig-zag, isto é, uma linha quebrada... e a cabeça, às vezes.

Problema n.º 4 — Achar o volume a 37º centígrados e à pressão de 40 mm. equivalente a 2 kilogramas e 375 gramas de perú com batatas coradas, consumido por um conviva esfo-meado num jantar de Ano Bom.

Solução — A autopsia.

Problema n.º 5 — Durante a fermentação alcoólica de uma mistura química obtida numa ceia de Ano Bom, libertam-se 44, cc. 8 de anidrido carbonico. Determinar a fórmula empírica mais exacta.

Solução — Uma lavagem ao estomago.

Madame

A nossa casa é sempre recomendada pela sua distinta clientela.

Peles avulso, Guarnições, Confeções, Transformações, Concertos, etc.

AU RENARD ARGENTÉ
Rua S. Nicolau, 13, 3.º



**JOALHARIA
DO CARMO**

**EXPOSIÇÃO das
mais lindas joias,**

pratas e filigranas portuguesas.

Rua do Carmo, 87-B — LISBOA

Telefone: Norte 1360

: DO LAR :

MOVEIS LINDOS E ECONÓMICOS

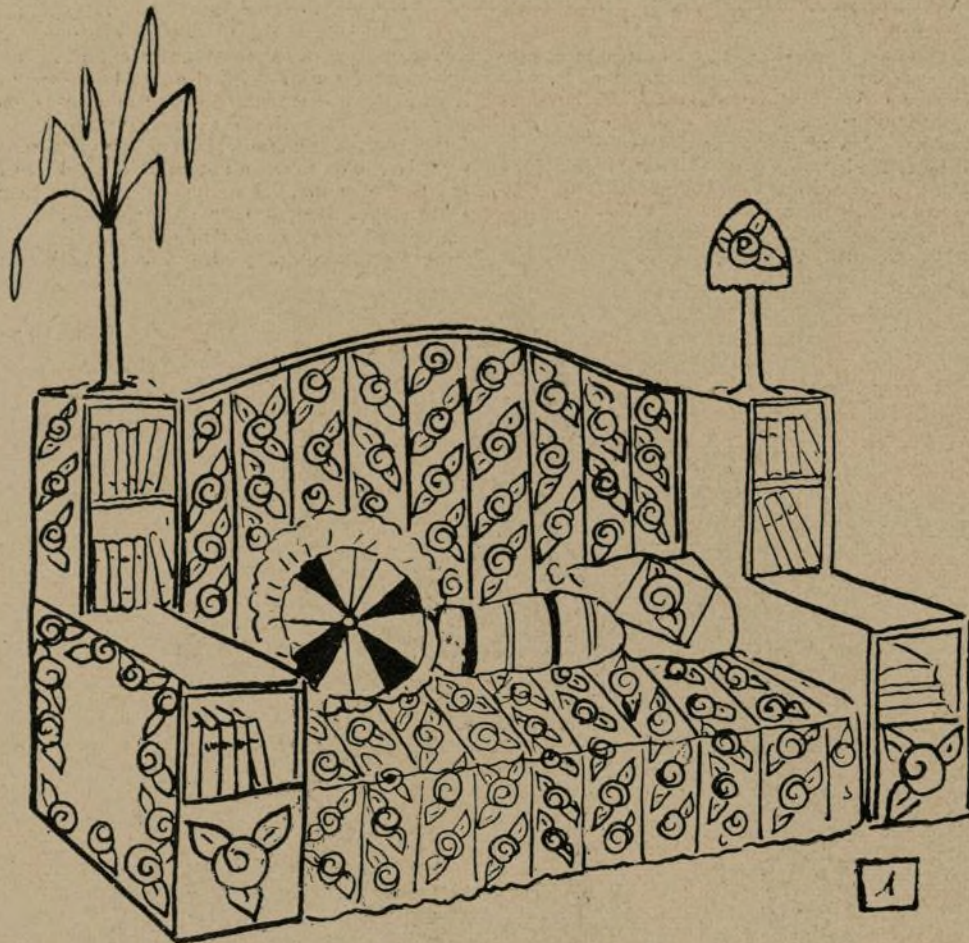
TODAS as nossas leitoras têm decerto muitas caixas de madeira que lhes roubam espaço e lhes aborrecem.

No arranjo do lar, aquêle arranjo leve e original, tão facil de executar têm essas caixas uma grande utilidade.

Os divans tão cómodos, tornaram-se imprescindíveis em todos os «ménages», e é com

com o mesmo cretone. Almofadas em côres e feitos muito variados, alegam pelas suas tonalidades fortes, a simetrica igualdade do cretone.

A gravura n.º 2, é um divan todo feito em fazenda lisa que desejando dar um aspecto luxuoso pode ser em veludo e enfeitado com as flores recortadas do cretone do reposteiro. O

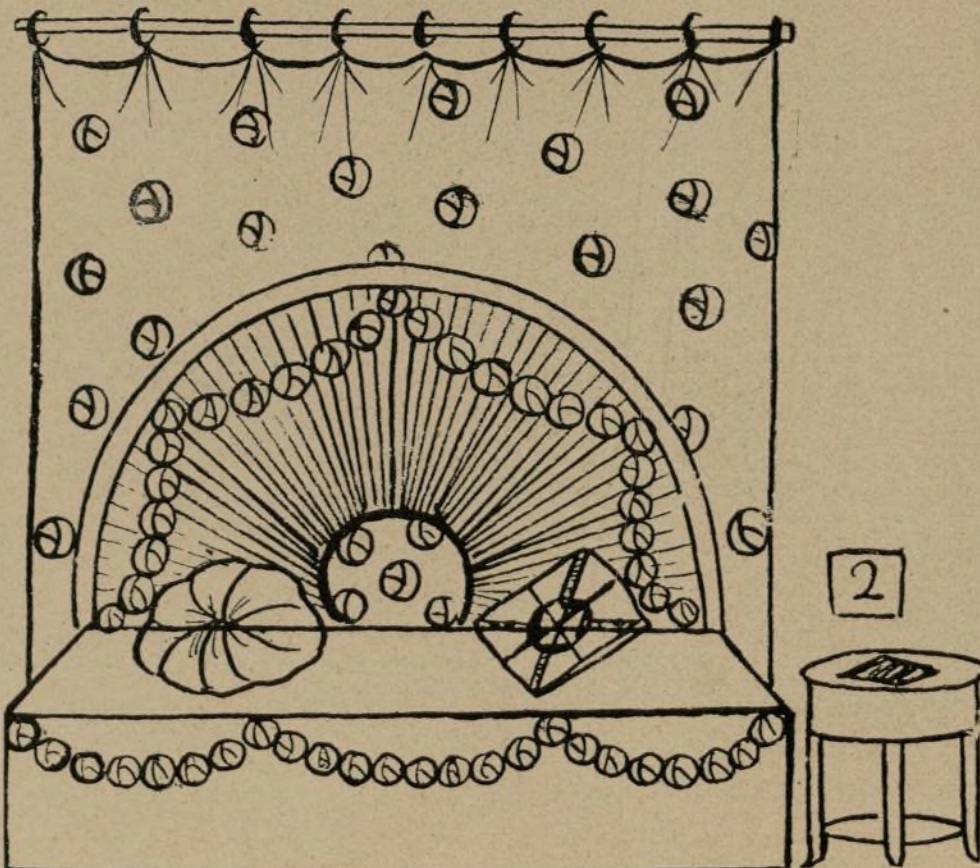


verdadeira alegria que as donas de casa com uns bocado de cretones e algumas caixas de madeira conseguem realizar um elegante e cómodo movel, onde, recostado, se passam horas esplendidas.

A nossa gravura n.º 1, um elegante divan-biblioteca, é lindo e muito pratico. Como o assento é muito baixo deve ser feito com um

assento é feito com uma caixa baixa e larga. As costas do divan recortado em arco também são feitas em madeira toda forrada da mesma fazenda ou veludo.

Um colchão de lã ou sumáuma coberto com veludo faz o fôfo e apetecivel assento. Grinaldas de pequenas rosas, como acima digo, recortadas do mesmo cretone do reposteiro dá-



colchão de crina seguro com seis pés fortes em madeira.

A biblioteca que enquadra o divan é feita em caixas de tamanhos diferentes que serão pintadas a eripolin, na cor do fundo do cretone, ou forradas com o mesmo cretone. O motivo que decora o cretone, e que deve ser flores grandes, enfeita as caixas em volta e o abat-jour do candieiro que faz «pendant» com a esguia jarra de flores, que tão bem fica neste ambiente tão íntimo e alegre.

Os livros também devem ser encadernados

lhe uma nota variada. Um pequenina mesa onde se porá o cinzeiro, algum livro ou trabalho que se tenha entre mãos, completam o agradável e belo efeito d'este sumptuoso divan.

Aqui têm, habéis leitoras recursos excelentes para aplicar às suas aborrecidas caixas e para com elas obter lindos arranjos com que enfeitarão o seu lar tornando-o leve, garrido, modernamente elegante, cheio de encanto e comodidade.

A MULHER
QUE QUERIA SER AVIADORA

CONTO INÉDITO

DE HELENA DE GUSMÃO

Os dezoito anos de Valentina irrompendo, numa fria tarde de Dezembro, de maneira intempestiva, na sala de visitas, à hora em que se tomava o chá — restringido a meia duzia de pessoas intimas — causaram um grande assombro em sua familia, com esta inesperada revelação:

— Papá, tenho um grande pedido a fazer-te...

— Um grande pedido? — inquiriu o pai abandonando o exame da capa dum livro de Elliot, e contemplando a filha, com um sorriso de prometedora indulgência.

— Um enormissimo pedido, o pedido máximo. Imagine que se trata da maior aspiração, da maior ambição da minha vida.

— Compreendo, queres ir hoje ao teatro...

— Mais, muito mais...

Valentina, por entre uma risada impetuosa:

— Um passeio de automovel ao Estoril.

— Mais, muito mais...

— Então?

— Queria ser Ruth Elder!

— Para atravessares o Atlântico?... — interrogou o pai.

— Para viajar com o capitão Haldeman... um capitão Haldeman que seja solteiro? — inquiriu o primo.

— Procurar um noivo a mil metros de altura... que loucura, que vertigem! — comentou uma senhora de idade.

— E se tu tomasses água de flôr de laranja? — propôs o tio médico, um gigante bondoso, mau grado, uma barba longa, hirsuta e negra que lhe dava um fero aspecto.

Valentina, de pé, no meio da sala, com as mãos enterradas nos bolsos da sua blusa verde jade, replicou com mal dissimulada excitação:

— Não preciso da água de laranja do tio para recobrar uma serenidade que nunca me abandonou. Exactamente, porque tenho um grande sangue-frio, uma energia forte, uma decisão racionada, uma coragem sem bravatas é que pretendo ser aviadora. Cada um deve aproveitar as suas qualidades, seguir a sua vocação, ir ao encontro do seu destino...

— De acôrdo — ripostou o pai — mas antes disso vai ao encontro da boneca.

Impertinente, o primo, zombou:

— Esta pequena passou hoje pela cozinha, fitou a caçarola, e com a sua imaginação, engrandecida, pôz-lhe umas azas, atirou-a para o espaço, e julgou nela um suposto volante. Naturalmente, não reparou que a caçarola foi cair no quintal da vizinha do rez-do-chão...

— Bem ouvi a tua alusão ao capitão Haldeman. Eu não penso ir buscar um noivo a mil metros de altura. Se o quizesse, tinha-o aqui nesta sala, — comprehendes, lesma... lesma ras-tejante? Escusas de ferir o tapete que já há muito tempo que te percebe, hipocrita! — voltou Valentina, gesticulando de maneira a justificar o conselho do tio.

Um pouco pálido, o pai ergueu-se da poltrona e apontou-lhe a porta da sala. Valentina, endireitou o busto, contraiu as feições e saiu, num passo enérgico e lento.

O primeiro vôo fôra uma decepção. Julgava sentir uma impressão inédita, uma espécie de descarga eléctrica sobre os nervos quando o aparelho deslocou do solo. Afinal, quasi nem dera pelo inicio do vôo! Lentamente, de maneira quasi insensível, o aparelho foi-se elevando, atingindo a altura de mil metros. Ia veloz e supunha-o quasi parado. Onde estava, então, a almejada vertigem da velocidade? Pois, aquilo era assim tão fácil? Voar, era, no fim de contas, tão banal?

A aprendizagem foi fácil e curta. E um dia, combinou com um aviador que obtivera recentemente, o *brevet* e sonhava com grandes aventuras coroadas pela glória, partir para a Madeira. Prestes a chegar a atingir a ilha, a helice deixou de funcionar. Fitaram-se ambos, tomados de um mudo terror. A morte ia, talvez, no aparelho; teriam por cemitério as águas do oceano. Num rapido lampejo, a visão trágica do seu destino, fez-lhe cerrar os olhos. Sentiram um estremecimento violento, um ruído infernal nos ouvidos. Valentina, fitou o seu companheiro e viu-lhe os olhos vitreos. Admirou-se de não compreender, de repente, o que se tinha passado. Tinha frio, um frio horrivel, talvez o frio precursor da morte... — e acordonou sobresaltada, em pleno meio dia, vindo com espanto o *édredon* e os cobertores do leito a seus pés. Vestiu-se, com nervosa rapidez e entrou na casa de jantar. Sobre a mesa, no lugar do seu pai, um grande jornal desdobrado. Ao alto da página, uma noticia, com titulos espaventosos prendeu-lhe os olhos e leu: — «A arrojada aviadora do «Clair de Lune» desapareceu em pleno oceano.»

Sentiu uma sufocação, a vista alucinou-se; diante de si passavam môscas vermelhas. Minutos depois, ao ver-se no leito, rodeada pelos pais, enxugou uma lágrima, regando com ela a sepultura da sua grande ambição que não passava de um sonho — e que um sonho bastara para destruir.

GUIDA.

HELENA DE GUSMÃO.

— DEPOSITO —

RUA IVENS, 30

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO



MARIASINHA, era uma boa menina sem o saber, a quem muito affligiam as suas próprias diabruras. Um sem número de vezes, prometera emendar-se, principalmente quando os açoitos da mamã, flagelando-a, lhe faziam sentir, em certas partes do seu corpo, a sfeias acções cometidas. Tinha, porém,



boas qualidades, um coraçãozinho terno, e até um desgosto sincero das arreilas que causava a seus papás.

Nas proximidades do Natal, desejosa de congregar a simpatia do Menino Jesus, saiu de casa, acompanhada do seu inseparável «Kiss», disposta a fazer do seu habitual passeio uma estrada ladeada de boas acções.

Lembre-se de que fazer bem aos animais constituia uma das acções mais delectáveis para o Menino Jesus. Ele, lá do alto, contemplava-a e comentaria, entre admirado e enternecido:

— Que bom coração tem a Mariasinha! Tão amiguinha dos animais.

Propositadamente, para lhe agradecer, andou, por entre o campo, escolhendo, com grande cuidado e grande esforço, as ervinhas de que os coelhos mais gostavam, ofertando-as, com grande paciência, a todos os que encontraram no seu caminho.

E assim, — pensou ela, com uma pontasinha de perfídia — o Menino Jesus esquecerá as «partidas» que fazia ao seu gatinho «Milá», prendendo-lhe objectos rudosos ao rabo a fim de o assustar, e ao seu fiel «Kiss», brincando-o a dar grandes pulos para conseguir comer.

Trouxera de sua casa, umas migalhas de pão, para distribuir por todos as avesinhas que encontrasse. Decerto que o Menino Jesus, vendo mais esta boa acção, afirmaria, muito comovido:

— Esta Mariasinha é um anjo. Com difficul-



dade se pode encontrar, na terra, menina mais bondosa e compassiva.

Levou o seu desejo de alimentar os passarinhos ao ponto de os chamar das ramadas das árvores, procurando com bonitas palavras e com toda a espécie de gestos e de mímicas vencer-lhes a desconfiança com que elles o recebiam, desconfiança motivada talvez por haver no mundo meninos cuja maldade e crueldade era tamanha que os levava a apedrejar uns animaisinhos tão inofensivos, tão úteis e tão bonitos.

E foi continuando alegre, e infatigável, a



sua peregrinação. A certa altura, o «Kiss» ia deitando tudo a perder. Viu uma rã e ladroneou-lhe. Mariasinha indignada, ralhou-lhe, a fim de o impedir de fazer mal àquele pobre bichinho que, certamente, por ser muito feio merecia como os outros, merecia mesmo, mais do que



os outros, e bem tratado e envolvido pela ternura que desde a sua saída de casa, espargira pelo caminho.

Mas, o «Kiss» não fez caso. Quanto mais lhe ralhava, mais elle ladrava à rã, mais enfurecido se mostrava com ella. Era de fazer perder a paciência aquelle «Kiss». Mas, Mariasinha, não lhe baten para não desagradar ao Menino Jesus.

O «Kiss» resolvera não fazer caso das suas admoestações. E a pesar das censuras que lhe

fez, das palavras desagradáveis que lhe disse, o «Kiss», indifferente até aos seus ralhos e às suas beça que elle procedia por vingança. Como sabia que o Menino Jesus, a elle, nada lhe dava, pre-súplicas, atirou-se à rãzinha, segurando-a, com cuidado, entre os seus dentes.

O seu cãozinho, a final, era um grande patife.



Porque à Mariasinha, ninguém lhe tirava da cameditara essa feia acção: fazer mal à rã, a fim de o indignar, de modo que elle deixasse de admirar a bondade da sua dona. E de certo, elle procedia assim para que uma vez que o Menino Jesus não lhe dava brinquedos, também, a ella, os não desse.

Mariasinha, chamou-o exasperada e elle fugiu-lhe. Perseguiu-o e teve um grande cansaço para o apanhar, tirar-lhe a rã e levá-lo para o charco onde ella vivia e coaxava.

Quando chegou, perto do lago, que estabele-cera para fim do seu passeio, parou a descansar, muito contente com o seu próprio procedimento. Estava cheia de satisfação. Só tinha praticado boas acções e, com certeza, o Menino Jesus, dar-lhe-ia, este ano, mais brindes do que nos anos anteriores.

Despreocupou-se; voltou a ser o que era nos outros dias. E logo uma maldade lhe acudiu à mente: ir pescar à linha, uns peixinhos, muito pequeninos, muito vermelhos e muito bonitos, que não serviam para comer. Cometeu essa diabrura sem se lembrar de que o Menino Jesus contemplando, lá do alto, a sua diabrura, comentaria, zangado:

— A final, a Mariasinha, é uma hipócrita; quis-me enganar a respeito da sua amizade pelos animais.

Esqueceu-se aquella menina de que a sua hipocrisia, ainda que dando origem a boas acções, merecia maior castigo do que todas as suas diabruras juntas.

MARIA ELISA.

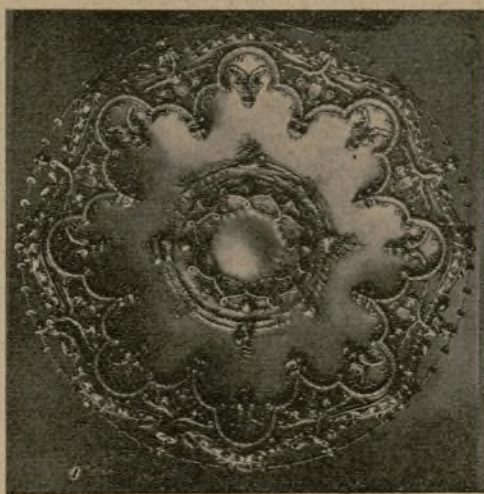


A SEMANA DA OURIVESARIA



SERVIÇO D. JOÃO V — JOALHARIA DO CARMO — R. DO CARMO, 87

Trabalho executado nas suas oficinas, do melhor que se tem feito. Foi esta casa que introduziu aqui o estilo arabe, trabalho executado em prata fôsea e em baixo relevo. Grande sortido de joias valiosas. — (2.ª classificação)



SALVA MANOELINA — OURIVESARIA DA GUIA

Esta salva é composta por um entrelaçado de corais, cordas com boias, conchas e buzios, assentando sobre o mar onde velejam caravelas das nossas descobertas.

Cercadura de 8 arcarias assentes sobre corais e algas com os escudos de D. Manuel I, da Ordem de Cristo, de Aviz e de Sant'Iago; contornadas por um fino arabesco e circundadas por uma corda com boias.

Obra do cinzelador Carlos Monteiro, (filho do grande mestre cinzelador Jerónimo Monteiro), quando contava apenas 20 anos incompletos e executada nas oficinas desta ourivesaria, levando 6 meses a completar.

É uma só peça sendo apenas soldadas as cordas com as boias que a circundam.

OURIVESARIA MARIANNO COSTA — RUA DO OURO

Uma das obras mais formosas da ourivesaria portuguesa — Fruteiro de prata, estilo manuelino, tendo ao centro as armas reais espanholas e a divisa dos Reis Católicos Fernando e Isabel. Trabalho dos filhos do grande artista Augusto Luís de Sousa, e oferecido a SS. MM. os Reis de Espanha

DESDE há muito tempo que Portugal é a terra dos artistas da prata e ouro. Logo após a descoberta da Índia as pareias que nos chegaram daquelas misteriosas e ignoradas terras serviram a um grande artista do cinzel e da palavra para com ellas esculpir uma obra imortal, modelo de todos os artistas e cubica de quantos rapinantes teem passado

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{DA} 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

— E não? — Por enquanto nada, comandante! Nem a Roca nem Espichel.

— Assim que avistar algum deles chame-me. Precisamos chegar esta madrugada... hoje é dia de Natal!

— E num gingar de automático, ao encontro do balanço, o capitão voltou para o camarote.

— Espécado nas botas de água, as mãos enfiadas nos bolsos fundos do casaco de oleado onde os aguaceiros retiniam com som metálico, o «segundo» lançou um olhar agudo pelas trevas em redor e ficou depois a oscilar, como um pêndulo, na inclinação difícil do navio.

Uma expressão de estranha tristeza, encrespada-lhe a face de adolescente quasi oculta sob as abas do «sueste» enterrado até às orelhas:

— Noite de Natal... para outros... lá em terra!

Mas logo, voltado para o homem ao leme, o Ericeira, que parecia uma bola, inchado «p'ra amor» das camisolas, os olhos fitos na agulha, censurou:

— Olha esse rumo!

Para além da prôa, em choques pavorosos a sacudir a velha carcassa de ferro com estremecimentos de epilético, surgiam as vagas, enor-

FORA DA BARRA...

CONTO DE BRITO LEAL — DESENHOS DE JOSÉ TAGARRO

— Ah!... que se aquele décimo comprado nos Açores apanhasse a sorte grande... o três seis e setenta e três!

E a sua imaginação lenta de homem do mar, simples e bondoso, exaltou-se num sonho de felicidade imensa.

Nunca mais necessitaria embarcar!

Que o mar fez-se para os peixes e um «home» nasceu para viver em terra, ali à lareira, ao lado da mulher e dos filhos, a vê-los todas as noites no estudo da lição para a senhora professora!

Compraria a casa do Vicente Pescadinha e a horta do Zé do Moínho, aquela por cima das ribas, e depois, uma velhice descansada longe do mar alto e dos senhores comandantes que ralhavam mesmo quando «uma pessoa» não tem culpa. Havia de ser uma vida como a do senhor prior, sem mais quartos ao leme nas pontes desabrigadas dos navios, pelas noites tempestuosas de Dezembro, a trincar o salitre dos vagalhões pulverizados pelo vendaval, assim «com'agora»!

Para a mulher — que outra mais santa não havia pela terra dentro — compraria um cordão dos mais pesados e também uma máquina para ela coser e mais uma...

Mas subitamente, o Ericeira, suspendeu o seu sonho.

Entre as trevas indecisas da noite cor-de-breu, um vago relampejar surgira em clarões rítmicos e iguais.

O oficial correrá em busca de um binóculo.

Encostado à amura, olhava agora, imóvel, num desejo de avistar o farol que devia estar ali por nordeste... E o Ericeira levantando os olhos da agulha, fitava também o escuro da noite, ansioso por ver terra.

— Noite de Natal! Há seis anos, sempre no mar!

E voltando os olhos à bússola, pensava satisfeito:

— La ser desta vez! Logo à tarde, o jantar com a «pirua» e a «famelga miúda» à roda da mesa a guinchar por mais!

Esquecera já que, lá à prôa, sobre o beliche húmido, estava pendurado o colete em cuja alçofeira guardava o décimo da lotaria do Natal, o três seis e setenta e três.

Numa aberta, os relâmpagos do farol fulguraram novamente, constantes e mais distintos e o «segundo» correu para a porta do camarote a avisar:

— Comandante, comandante! Roca à vista!

O vento amainava. Pela frente, pouco a pouco, surgindo para logo em seguida desaparecer no balouçar violento do vapor, outras luzes brilhavam em alternativas de cores fortes:

— Cabo Raso, a Guia!... Lá está Santa Marta, o Bugio, amigo velho... terras de Portugal!

Tossindo forte, em passadas largas, o comandante apareceu a abotoar ainda os-oleados:

— Pilotos?

— Devem estar além, comandante! Vêjo-lhes os faróis!

Mais calmo, o Ceula aprova agora à baía de Cascais, fazendo ouvir com maior força o bombo compassado da máquina incessante, lá em baixo, sem parar.

Para os lados do Tejo, o céu empalidecera nos

primeiros avisos do nascente e já perto do vapor da pilotagem, o telégrafo retiniu num arrastar de correntes e campainhas.

O Ceula parára por fim, a baloiçar pesado num estranho silêncio, já esquecido de outros tempos, enquanto no sino da ponte, o Ericeira badalava as oito, fim almejado do quarto mais difícil.

— Noite de Natal... para os outros... lá em terra!

A baleeira dos pilotos encostara ao vapor num chapinhar de remos a reluzir:

— *Hullo Captain, rope please!*

— «Semos» portugueses, «homes» de Deus! alguém gritou lá do convés.

Mas o piloto trepara já, de oleado às costas, pela escada de corda pendente do costado.

— Bom dia! Boas Festas!

— Feliz Natal, «Sô» Piloto! respondeu o



Ericeira, cruzando-se com ele ao descer da ponte. E logo perguntou:

— Eh! camarada! Qual foi o número da «grande»?

O piloto quedára-se a pensar num esforço de memória para replicar em seguida:

— Espere aí!

E inclinando-se na amurada, gritou aos da baleeira que já se afastavam:

— Oh «Toino» Maria, oh Souto! Sabes o número da «grande»?...

— Han?!...

— Em que número saíu a «grande»?

— A «grande» do Natal? Foi no três mil seiscentos e setenta e três!

Quando o piloto se voltou para repetir o número, o Ericeira olhava-o a cambalear, pálido como um cadáver.

— Que é isso, homem! Você está doente?

— Nada! É este frio... saí agora de quarto, mau tempo!...

E afastara-se logo, no desejo de não dar a conhecer a comoção extraordinária que o invadira.

Numa última dúvida, já estendido no beliche, tirou do bolso do colete, pendurado à cabeceira, o décimo premiado e, à luz embaciada, pôde ver o número célebre, o 3673!

Agora sim! Não lhe restava dúvida alguma, era um homem feliz, e, em silêncio, enrolado na manta sempre húmida, cerrou os olhos a morder a língua para não gritar de alegria ou pular de felicidade.

Duas horas mais tarde, o Ceula, num fragor de derrocada, lançava ferro no Tejo, ante os primeiros raios de sol desse dia de Natal. O Ericeira, calando sempre o seu grande segredo, preparava-se para correr logo para terra a participar a grande notícia à mulher.

— Nada, pensava ele, é a última vez que me vejo a bordo! Já não sou embarcado! Estou rico!

E obtida a licença do comandante, fugiu para o cais no primeiro bote que apareceu.

— Adeus Ceula, não me tornas a ver! Boas Festas! murmurou n'uma última despedida desdenhosa, ao mar e aos navios.

Mas semanas depois, quando o velho Ceula aprontava novamente para seguir viagem, o Ericeira reapareceu, parecendo triste e abatido por uma paixão mais forte que a sua vontade.

— Senhor Comandante... eu venho pedir que me matricule outra vez! Não me diga que não!

O capitão olhára-o surpresa, sem o compreender:

— Que não? Mas eu estava à tua espera! Que raio de bicho te mordeu, oh Ericeira?!

— Nada, senhor comandante! Se promete guardar segredo eu conto-lhe a verdade!

— Homem, explica-te!

— É que eu... apanhei a «taluda» do Natal... e tinha jurado a mim mesmo não tornar a embarcar, mas...

E o Ericeira com a voz trémula, a enxugar a única lágrima da sua vida, concluiu:

— ...não posso viver em terra! Só me sinto bem lá ao largo, no mar alto, quando vou ao leme nas pontes encharcadas dos navios, a trincar o salitre dos vagalhões que metem medo!

UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma oferta notável

Dir-lh'a-lha

GRATUITAMENTE



O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá êxito no casamento, em seus negócios, ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que sómente a Astrologia pode revelar.

NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo cujos estudos astrologicos e conselhos teem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes teem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 7. PL.

44, Rue de Lisbonne, PARIS

Com \$50 de sellos de correio do seu paiz para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 1\$60

Franquia do Brazil para França: 400 Réis

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

3 mezes 6 mezes 1 ano

Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental		35\$00	68\$00
Exemplares registados.....		45\$40	88\$80
India, Macau e Timor.....		36\$00	70\$00
Exemplares registados.....		46\$40	90\$80
Brasil		36\$00	70\$00
Exemplares registados.....		56\$80	111\$60
Estrangeiro		40\$00	78\$00
Exemplares registados.....		60\$80	119\$60

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73.



mes, raiadas de espuma, alterosas e sucessivas, numa luta de titans e ora parecendo recuar hesitantes, ora prosseguir teimosas numa brusca decisão. O Ceula continuava avançando ao compasso constante do batique da máquina, lá em baixo, impassível, sem parar...

Sob a ponte, as ondas saltavam, varrendo às vezes o convés em enxurradas colossais a reflectir em laivos de sangue a luz vermelha do farol de bombordo. Nas enxárcias o «noroste» zumbia sempre, cada vez mais forte, numa sinfonia fantástica e infernal.

O Ericeira, seguro à roda do leme, rosnava imprecações surdas ante as guinadas imprevisíveis:

— Raio de vida!

— Noite de Natal... para os outros... lá em terra! murmurava sempre o oficial com desespéro.

Mas o Ericeira, calado, sem tirar os olhos da agulha, pensava para consigo:

PHILIPS

Querem que os seus postos receptores lhes deem belas audições?

Empreguem o

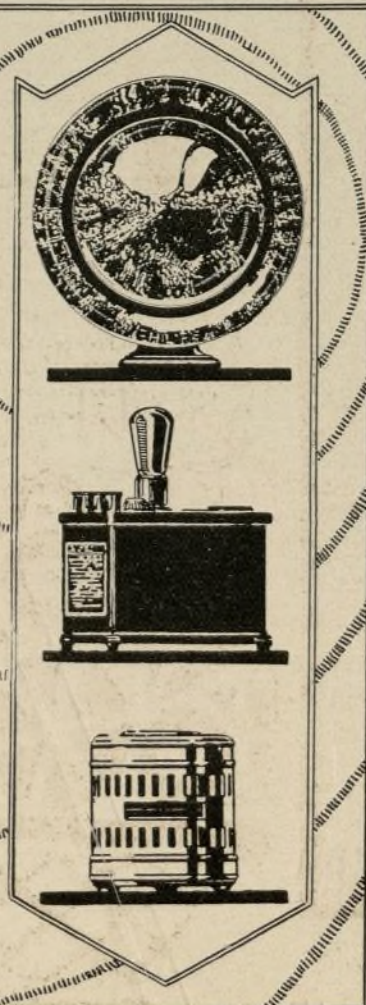
ALTO-FALANTE
PHILIPS

Suprimam o emprego de baterias, usando o aparelho

ANODON PHILIPS

Carreguem os seus acumuladores, usando o

REDRESSOR PHILIPS





Vestido de mousseline de seda bege claro enfeitado de estreitos folhos
Toto M. Tréves



Vestido de noite em "geo" azul, corpo bastante justo completamente bordado
Modelo Joseph Paquin
Toto M. Tréves



Vestido de noite em lã de ouro e vermelho quarnecido de franjas de perlas de cristal
Modelo de Jenny
Toto M. Tréves



Lindo vestido de noite da casa Dreyer em setim e gaze bordado
Toto Seaton



Vestido em crepe Georgette champagne quarnecido de folhos e perlas
Criação Joseph Paquin
Toto M. Tréves



Lapa de noite de Joseph Paquin em lã de ouro e vermelho quarnecido de franjas de perlas de cristal
Toto M. Tréves



Modelo de Joseph Paquin em "flamenga" bordeaux e rose. Saia plissada
Toto M. Tréves



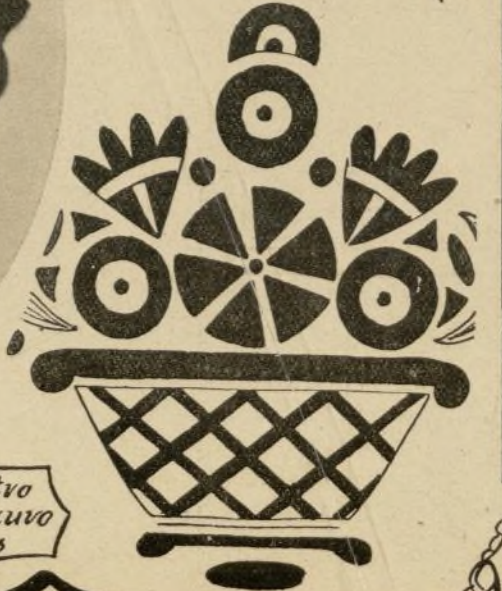
Felty azul "marin" e veludo "berço" criação de Marquise Gislé
Toto M. Manuel



Lindo e elegante casaco em setim com incrustações de seda boca. Gola de pele
Toto M. Tréves



Cloche de Cora Marson em feltro de dois tons de "gris" claro e escuro
Toto M. Tréves



Simples e elegante modelo em crepe da China verde com pontos em fio prateado
Toto M. Tréves



Vestido em veludo de seda preto paillete prateado cinto em setim rosa "pallido"
Modelo Jenny
Toto M. Tréves

ENTRE os trabalhos femininos, a renda de Renascença, também conhecida por renda irlandesa ou renda de Luxenil, tem um assinalado lugar, devido ao seu conjunto tão leve e gracioso como prático e fácil de executar.

Este género de renda é muito antigo, tem a sua origem no ponto de Veneza.

No século XVII começou-se em França a imitar o ponto de Veneza, mas simplificando-o, afim de se obter um trabalho mais fácil.

Os trabalhos obtidos não tinham a finura, a delicadeza, do verdadeiro ponto de Veneza,



mas foram favoravelmente acolhidos e tomaram o nome de rendas Renascença. No século XVIII este género de renda perdeu um pouco o entusiasmo que suscitara mas no século XIX reapareceu como novidade, ganhando todo o terreno perdido, e tornando-se um dos trabalhos femininos mais estimados e lindos; rara é a casa elegantemente decorada e arranjada, que não tenha a enfeitá-la napperons com rendas de Renascença.

A grande variedade de «lacets» que hoje existe contribuiu extremamente para o agrado, geral das rendas devido aos lindos efeitos com eles obtidos.

A renda de Renascença é executada sobre tela «cirée» ou lustrina de algodão sobre a qual são traçados os contornos do desenho que se queira reproduzir.

Para facilitar a escolha dos «lacets» publicamos algumas amostras com as quaes é facilitado e enriquecido o conjunto magnifico destas rendas.

Sobre a tela cose-se, com pontos largos, o «lacet» segundo o desenho e começando depois

BORDADOS E RENDAS

TRABALHOS RENASCENÇA E A PONTO DE CRUZ

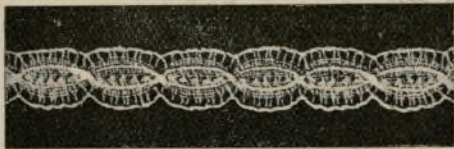
mais facilidades apresenta, mesmo para as pessoas de menos habilidade ou prática, é o bordado em ponto de cruz.

Os desenhos para o bordado em ponto de cruz podem ser aplicados numa infinidade de trabalhos resultando todos eles lindos e cheios de alegria e cor.

Os bordados a cores são sempre belos, sempre variados.

Alegrem o «ménage» depois de prontos e distraiem a bordadora enquanto ela combina os tons e faz o bordado.

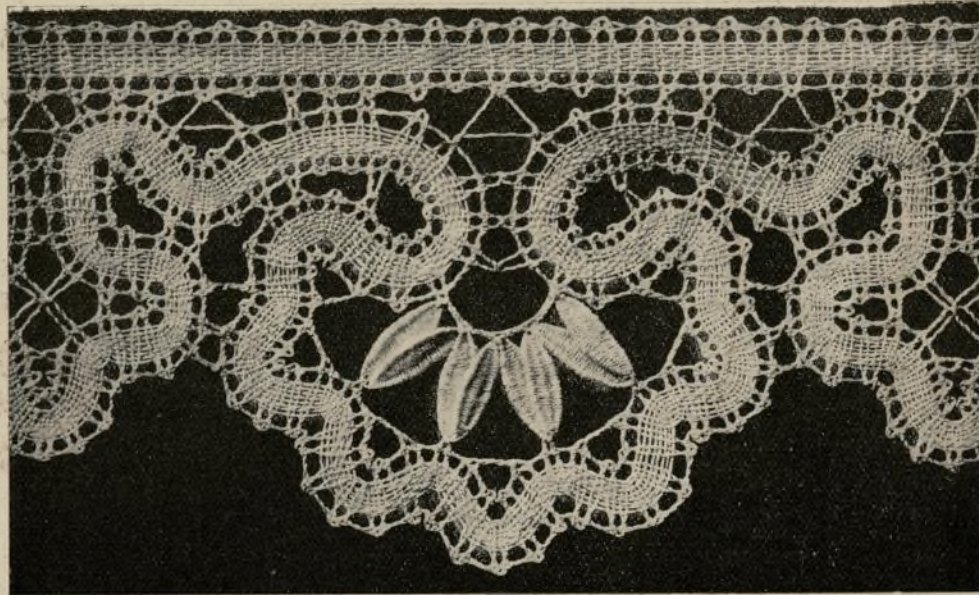
A barra que a nossa gravura mostra, tão graciosa, é para se executar em três tons. Para quem desejar, na propria fantasia das barras bordadas a cores uma certa distinção pode



efectuar este bordado numa cor única procurando-lhe três tonalidades da mais escura à mais clara. Desejando fazê-la em cores variadas, num conjunto garrido, pode empregar as três cores de castanho, laranja e ocre, o que dá uma tonalidade geral muito interessante.

Os bordados a cores apresentam a dificuldade de, quando são lavados, algumas cores

de os conservar sempre lindos, mesmo depois de lavados.



A FOLHA SOLTA DE BORDADOS

Esta nossa folha de bordados apresenta hoje às suas leitoras modelos interessantes e variadíssimos, que devem agradar por completo.

Um lindo «pique» para renda de bilros em tamanho natural damos hoje, para ir ao encontro das dificuldades das senhoras que tanto gostam destas rendas. Publicamos aqui a renda executada para facilitar a adaptação do «pique».

Um lindo «napperon» para bandeja, bordado a cores, também é dum efeito bastante gracioso. Uma renda em volta, completa o seu conjunto, muito agradável.

Um pequenino lenço, bordado a branco, fino e elegante (bordado que, com alegria, as senhoras se dedicarão a fazer), é um trabalho de interesse e de... utilidade.

Começamos hoje a publicar um lindo abece-

dário em bordado inglês, e cuja publicação, pelo seu ineditismo e graça, achamos utilíssimo.

Dois graciosos cantos que podem ter várias aplicações, como «napperons» grandes, toalhas de chá, «dessus» de bufete, etc., são feitos em ponto de «pé de haste» contornando o desenho. Num, os pequeninos olhos das flores são feitos a ponto cheio e na cor que as nossas leitoras escolherem em conformidade com as outras cores de que se compõe o desenho, e que ficam ao critério das senhoras.

No outro, as illós e os raminhos de frutas também são bordados a ponto cheio.

O conjunto destes desenhos depois de executados é muito feliz e interessante.

Monogramas diversos completam esta nossa página, tão variada e tão útil às senhoras que



amam o lar e que põe desejam lançar requintes de beleza e arte no seu conjunto harmonioso cheio de conforto e bom gosto.

(Ver também pag. 15.)

BERENICE.

a encher-se os espaços intervalados pelo «lacet» com os pontos vários que a gravura mostra, e com as pequeninas e finas barrettes.

Os três modelos de renda que damos são tão vaporosos e lindos que serão acolhidos com entusiasmo pelas gentis leitoras de mãos de fada, que conseguem realizar as mil fantasias criadas neste século de evolução contínua.

Uma das rendas é muito simples. Quasi toda



é feita com o «lacet», que forma umas pequenas folhas cuja amostra damos, e finas barrettes. É linda, de excelente realisação e de conjunto agradabilíssimo.

As outras também são felizes e são feitas com o «lacet» vulgar já bem conhecido por todas as senhoras que se dedicam com interesse a trabalhos femininos.

Um dos bordados de grande efeito e que

deixarem tinta e mancharem a fazenda creme ou branca onde é feito o trabalho.

Nós damos às nossas leitoras a maneira de lavar estes trabalhos para não mancharem.

Deve-se empregar um sabão completamente neutro, de preferência o sabão branco conhecido por sabão de seda. Evitar em absoluto a sódia, cloreto e os pós de barreira.

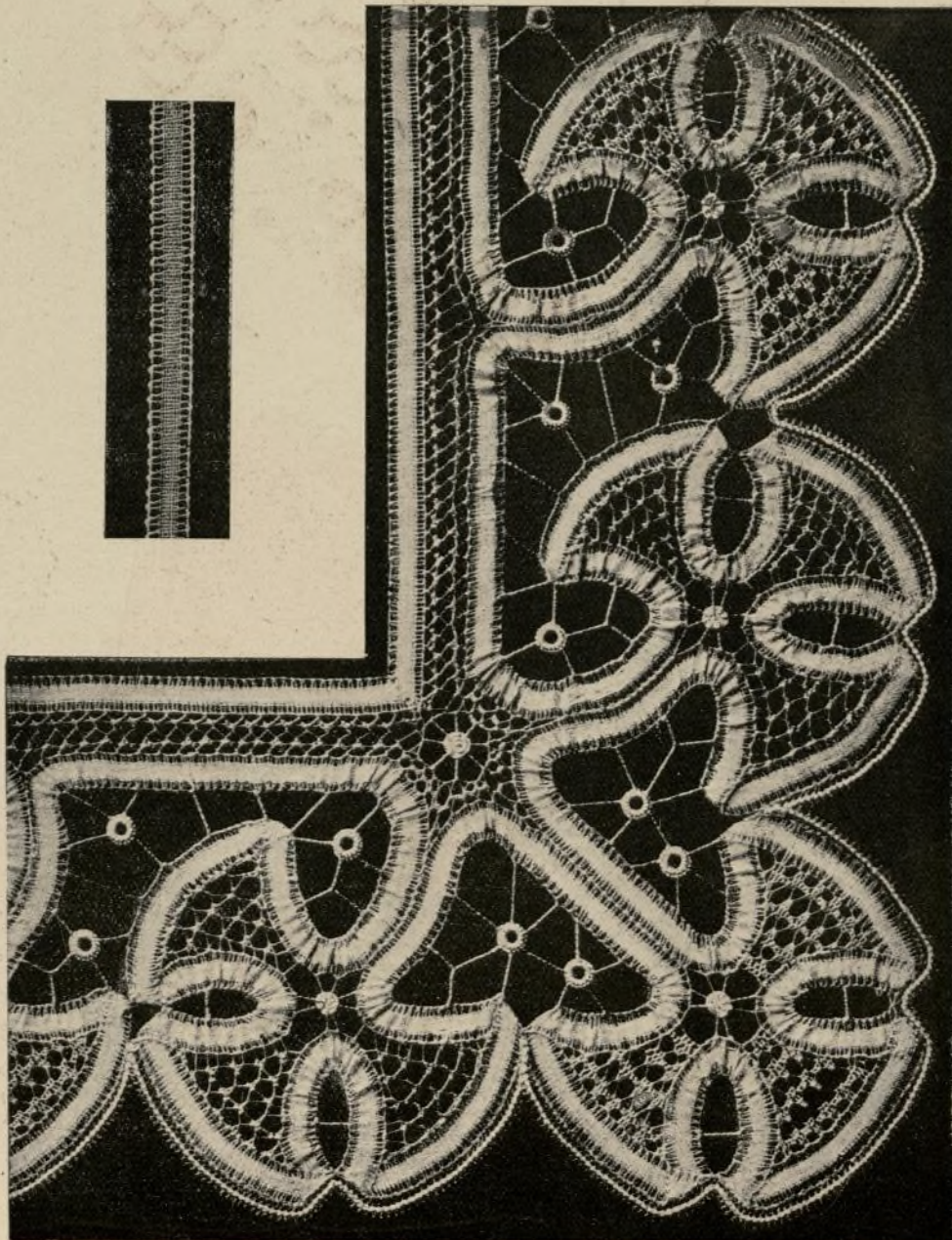
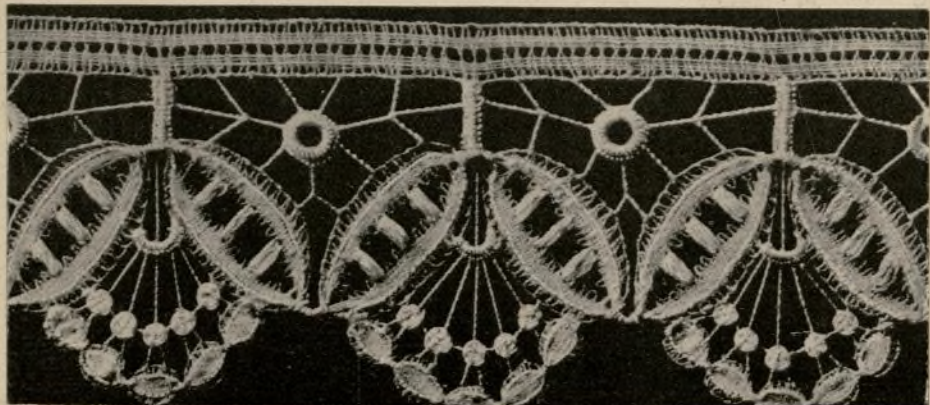
Dissolve-se na água bem quente a quantidade de sabão suficiente para a tornar espumosa ajunta-se alguma água fria até se obter uma temperatura média e lava-se rapidamente o bordado sem o esfregar muito.

Enxugar bem, a primeira vez em água tépida, depois em água fria várias vezes renovada, até que o sabão desapareça completamente.

Espreme-se à mão sem torcer, ou enrola-se o bordado num pano e seca-se rapidamente ao ar, ou então engoma-se pelo avesso com o ferro não demasiado quente e neste caso engoma-se com um pano por cima.

Não se deve deixar estes bordados molhados e enrolados sobre si mesmo e nunca nos devemos servir do ferro muito quente que pode distinguir alguma das cores.

Aqui ficam pois magníficos desenhos em rendas leves e graciosas e bordados ricos de cores e recorte, e também a maneira prática



CARTA DE PARIS A MAIS FELIZ

Paris, Dezembro.

Minha querida:

Tenho em meu poder seis caixas de papel de escrever, quatro bonecas, cinco casacos de da enchumada, sem contar com o resto. Tu perguntas a ti mesma se eu falo sério-



nente porque, para um lar sem crianças... É assim, minha querida, tudo isto é o rulo das chamadas vendas de Caridade, e esta semana empreguei-me nelas.

A caridade privada faz, certamente, muito bem, mas eu acho que, era melhor dividir entre vários meses todas as manifestações que, repórando-se ao mês de Dezembro, se tornam exageradas.

Houve uma recepção muito elegante em casa de Madame R., ontem, onde predominou o elemento da advocacia, pois seu marido é advogado.

A dona da casa tinha um encantador vestido em crepe da China verde jade. A «laize» de rendas incrustadas em pontas e formando «godets», era dum lindo efeito.

Em volta do pescoço um colar de perolas finas e um outro em jade embelezava a pele e fazia pelo seu contraste a mais linda ornamentação.

Continúa a vêr-se muito o «gris» em toda a gradação de tons.

Um «bufete» suntuoso, flôres em profusão,



uma decoração de rosas sobre o fogão da sala como eu nunca vi, musica, o ruído das danças, tagarellice, nada ali faltava. Lindas «toilettes», o que era infalível, pois

ENTARDECIA. O Outono andava já a bafejar a terra de tristeza, e nos poentes longínquos acendiam-se brazeiros fantásticos, inundando o céu de luz suave e cores maravilhosas, numa apoteose de incomparável beleza ao sol moribundo.

As folhas emurechecidas começavam a desprender-se das árvores, quedando-se no chão, resignadas, silenciosas, à espera de que uma rajada mais forte as atirasse para longe, fazendo-as rodopiar numa dança macabra, bem semelhante à dança misteriosa do Destino...

A meio da encosta, voltada para o mar e quasi escondida entre carvalhos seculares, erguia-se uma casinha toda recoberta de vinha virgem, cujas folhas pareciam reflectir o carmin e o dourado de certas nubes distantes.

Junto da porta envidraçada que abria para o jardim pequenino e aconchegado, onde não faltavam crisântemos a completar o quadro de melancólica beleza outonal, estavam sentadas duas mulheres.

Singularmente parecidas, era, porém, muito diversa a expressão dos seus rostos de linhas puríssimas, que os cabelos brancos aureolavam e onde facilmente se descobriam vestígios duma formosura que os anos tinham vencido, sem destruir por completo.

Ambas pareciam meditar, contemplando a paisagem triste que o Oceano rematava ao fundo, quasi a perder-se na meia claridade do crepúsculo.

Na fisionomia duma transparecia a saúde, resignação e doçura; na da outra tristeza, desconforto espiritual e mal reprimida ansiedade.

Os seus olhos escuros olhavam para longe, muito longe, como se pretendessem divisar ainda qualquer coisa que lhes fugia...

Eram gémeas e haviam nascido naquela mesma casa onde agora esperavam acabar seus dias.

Amamentára-as o mesmo peito e sob o mesmo tecto viveram os anos descuidados da infância e vagamente ansiosos da juventude.

Depois, cada uma tomara o seu caminho na Vida, porque as aspirações e preferências das duas irmãs não correspondiam à sua acentuada semelhança física.



Uma fôra burguesinha honesta, mãe e esposa exemplar, e os seus dias decorreram serenos, iguais, entre o amor calmo do marido e os cuidados e dedicação constante pelo filho.

Na sua existência de Mulher havia apenas três datas notáveis que resumiam para ela a Felicidade e a Dôr: a data do seu casamento, a do nascimento do filho e da morte do marido.

A outra conhecera a glória que deslumbra e a paixão que enlouquece.

Correra a Terra entre os aplausos das multidões que vitoriam a artista, e os protestos de amor dos apaixonados que desejavam os beijos da mulher.

O Teatro fôra o santuário da sua Arte admirável, e o mundo inteiro o palco em que representára mais ou menos sinceramente a tragédia das suas aventuras amorosas.

Durante mais de trinta anos as duas irmãs não tornaram a encontrar-se.

Lamentavam-se mutuamente e cada uma se julgava mais feliz do que a outra.

A artista não compreendia que a irmã pudesse viver toda entregue ao lar, à família e imaginava-a dominada pelo tédio, o maior inimigo da ventura; a burguesinha, por seu lado, horrorizava-se ao considerar a vida irregular da artista, exibindo-se em público e chamando as atenções de toda a gente, servindo de assunto para discussões e conversas em que a sua vida íntima era devassada e comentada, nem sempre duma forma muito lisonjeira...

Quando a velhice chegou, a artista voltou ao ninho tranqüilo donde um dia levantára vôo

todo este meio é vestido por grandes costureiras.

Havia um vestido em crepe Georgette azul «corbeau» lindamente franziado à frente, o que lhe dava uma amplidão razoável, e o cinto que segurava a saia ligava negligentemente por um nó bem flexível.

O mesmo nó se encontrava sobre a espádua, parecendo segurar o «empiècement» em ponta.

para o desconhecido, levando por companheiras a audácia tão forte e a esperança tão bela da mocidade, uma voz que valia um tesouro e a sua grande formosura.

Resolvera corajosamente abdicar perante a



velhice,—o terrível espectro!—e renunciou aos últimos afagos que a glória poderia ainda dispensar-lhe e que mais não seriam do que um reflexo pálido d'outras horas inesquecíveis, refugiando-se ali, longe dos grandes meios onde a sua voz e a sua beleza haviam triunfado.

De novo as duas irmãs se encontraram reunidas e sucedia surpreenderem-se de olhos fitos uma na outra, como se quisessem adivinhar os traços que a Vida deixara ficar nas suas almas.

Falavam pouco e os seus vultos curvados pareciam fantasmas de outros séres que vivessem apenas nas recordações boas ou dolorosas de cada uma...

Naquela tarde, porém, influenciadas, talvez, pela suavidade que perpassava no ar e envolvia as próprias almas, elas, numa voz velada, baixinho, quasi em segredo, principiaram a falar no passado...

E o jardimzinho animou-se de sombras fugidias...

Scenas há muitos anos ocorridas, quando elas eram ainda crianças; os pais tão amorosos e bons; os primeiros sonhos da adolescência; as festas de família num ambiente de ternura e doce tranqüillidade, tudo revive uma saúde das duas irmãs velhinhas.

Por fim, cedendo à curiosidade durante tanto tempo dominada, a esposa e mãe, pediu à artista:

—Conta-me como viveste depois... E a artista entoou um hino à Mocidade e ao Amor!

Exaltou o seu Destino que lhe mostrara tudo o que há de bom e belo na vida!

Acenderam-se-lhe no olhar clarões de prazer e orgulho e a sua voz vibrou ainda ao descrever noites de triunfo, em que as plateias se erguiam delirantes, aclamando-a!

Tivera a seus pés, rendidos, príncipes e milionários; fôra soberana absoluta de muitos corações apaixonados.

E estendido os braços numa súplica desesperada da sua alma, onde se agitava incessantemente a ânsia de viver, exclamou:

—Bem dita seja a Vida! Bem dito seja o Amor!

Depois, numa transição brusca, em que o desânimo sucedeu à exaltação, murmurou, tão baixo que dir-se-ia querer apenas ser ouvida por si própria:

—Quem me dera ter morrido no dia em que o espelho me denunciou o meu primeiro cabelo branco!

Suavemente, numa voz velada que parecia vir da alma, a irmã disse:

—Os meus embranqueceram sem eu dar por isso...

—Só vale a pena viver quando o amor nos sorri.

—On quando a saúde nos embala!

A artista torcia as mãos numa crise de íntimo desespero e disse ainda:

—Recordar é pouco!

—Pelo contrário, é a única riqueza dos que tudo perderam.

—Como podes falar assim, tu que mal sonbestes o que é viver? Dize-me, nunca te assaltou

Os punhos plissados são igualmente seguros com um laço.

Noutra parte eu vi um lindo «manteau» em «agneau rase» amarelo.

Uma graciosa gola em castor fica muito bem ao rosto e alegre o «manteau».

Até breve, querida; beijos da tua tia

NUELMA.

o desejo de sair daqui, conhecer horizontes novos, experimentar outras sensações?!

—Nunca; o mundo cabia no meu lar e a minha felicidade num sorriso dos entes que eu amava.

—Falas assim porque não sabes o que é a Glória, o Amor, a Vida, afinal!

—Mas sei o que é a paz dum viver tranqüilo.

—É muito pouco, comparado com o que eu gosei!

—Bastou para me fazer feliz.

—E como consegues encher, agora, o vácuo medonho destes dias sombrios, se as tuas recordações são como um lago tranqüilo, sempre igual, sempre sereno?!

Naquele instante apareceu ao fundo do jardim um vultozinho branco correndo, e logo uma voz cristalina gritou na serenidade esmagadora do anoitecer:

—Avó! Avó!

A artista surpreendeu, então, nos olhos da irmã um lampejo de santo orgulho, que era bem a resposta ao que ela acabara de perguntar-lhe:

Para que à sua existência não faltasse encanto e ternura, bastava-lhe o neto, que era, por assim dizer, um sópro da sua própria vida!

Não sabia o que era a glória, mas conhecera a inefável doçura da Maternidade sagrada pela dôr, e a sua mocidade perdida há muito, reflorira de novo naquele botãozinho a desabrochar em graças e beleza; ignorára o Amor-paixão, mas sentira o amor incomparável de Mãe; não servira a Arte, mas cumprira a sua divina missão de Mulher!

E enquanto a avó se deixava beijar carinhosamente pelo neto que lançara os bracitos em redor do seu pescoço, a Artista, curvando a cabeça, reconheceu que a irmã fôra incomparavelmente mais feliz.

Daria tudo: os seus triunfos, as suas loucuras de amor, pelo beijo fresquinho e puro dum neto, que fôsse a carne da sua carne, o filho do seu filho!

Trocaria sem hesitar a sua efêmera glória de artista pela honra sublime de ser Mãe!

E cedendo à comoção nova e estranha que perturbava a sua alma cansada e fazia estremecer o seu pobre corpo estéril, a Artista chorou



em silêncio, as lágrimas mais sinceras e dolorosas de toda a sua vida, enquanto as sombras da noite pousavam ao de leve sobre a Terra...

ROSA SILVESTRE.

O "CHARLESTON" E A VALSA

O charleston, que começou por ser uma dança executada para divertir as pessoas que preferem o espectáculo ligeiro, colorido, variado, gritante do music-hall aos dramas de Shakespeare, acabou por se implantar nas salas, tornado obrigatório em todos os bailes de bom tom. E implantou-se sobre as ruínas da antiga valsa, sobre o ritmo tradicional de Viena, a velha cidade da galantaria e da música; da antiga valsa, que simbolizava a Europa, esmagada, vencida pela América impetuosa nos seus movimentos e dum orgulho inaudito na cotação do seu dollar.

Uma reacção, ainda que lenta, surgiu ultimamente. A valsa, despreendida das rugas, de relações cortadas com os métodos que immortalizaram em Lisboa o nunca assás recordado sr. Justino Soares, prepara-se para reconquistar o seu poderio, investindo resolutamente com o charleston.

Pela primeira vez, vão encontrar-se, frente a frente, como inimigos ferozes e aguerridos, o esgar e o sorriso, a estética, irmã da que fez perdurar o céu da Helade e a que se arrisca muito a ficar mal defendida com a comparação de certos costumes dos povos da Africa-Central.

Quem vencerá? Quem vencerá?

Sem pretendermos estabelecer um vaticínio, e apenas para dar um detalhe pitoresco, recordamos que o prestígio da valsa foi tal que, no século passado retardou os trabalhos dum congresso. E retardou-os de tal modo que um dos diplomatas dessa época, chegou a comentar, irónico: «O congresso não marcha, dança!»

GENTE DO ALENTEJO

CONTO DE RUI TELES — DESENHOS DE ISAURA

O H melancólicas solidões da charneca alentejana, ermas, espectrais, sob o luaceiro de gelo que lá do alto se entorna, sonambulando a planura despida e os «montes» longínquos, perdidos na vastidão das herdades!... Oh noites de Natal do Alentejo, eterna saudade da minha alma rural, da minha alma que se compraz no convívio da família e despreza os cosmopolitismos niveladores e descharacterizantes da civilização citadina! Mais, talvez, do que em nenhuma outra província portuguesa, é ali patriarcal, comovido e simples, familiarmente simples, a noite do Nascimento do Menino Deus; os civilizados detestam as grandes planícies, o silêncio, a vida concentrada no lar e não compreendem um ambiente circunscrito às quatro e compridas paredes do «monte» que o luar frio e caleiro veste de inocência e da paz ancestrais!... Botou ali, naquelas imensas herdades, fundeiras raízes a tradição... São raros os convidados para a ceia tradicional: um ou dois quanto muito, porque as distancias enormes não permitem visitas, e ainda porque nas minhas tão amadas terras alentejanas é tão profundo o amor pela família que o lar ninguém o devassa e o intimismo é ali mais forte que em terra alguma... O lavrador, a esposa, os filhos, a criadagem, a malta dos ganhões — se alguns quedaram ao serviço do monte, — os pastores dos imensos rebanhos, e mais ninguém. Que alegria, que sossego, que bíblico cenário, o dos natais alentejanos, e como eu deles tenho saudades, oh meus hiper-civilizados amigos das grandes cidades!...

Eu sofrera nesse ano um golpe que me desgarrara o espírito e me combalira o arcaboço, já desarvorado por outras desditas.

Puzera-me a viajar então, a ver o panorama invernal da minha terra e, naquele momento, repousava os ossos em Ollhão, a mourisca e formosa vila algarvia, formigante de açoteas e casas brancas...

Mas, ao mudar-me para S. Braz de Alportel, um meu amigo, lavrador alentejano, sabendo-me desterrado e conhecendo o luto que me enchia de penas o coração, naquele Natal sem família nem lar, escrevera-me um bilhete carinhoso, um daqueles quartos de papel onde o homem da charneca usa embrulhar pedaços da sua alma bondosa e rude. «Venha você daí consoar connosco, amigo compadre. Venha porque, se os calculos me não saem errados, grande surpresa o espera! No dia 24, lá estará em Castro Verde um auto-mulas de molas de azinho! Venha daí, homem de Deus!...»

E fui... Tenho ainda nos olhos o espectáculo maravilhoso do arcaboço vermelho da Serra do Caldeirão sob o dilúvio do luar, a vista inesquecível dos campos enormes, dos casalejos perdidos e da brusca, inesperada transição que apresenta ao viajante a passagem da fronteira algarvia alentejana... Adiante!... Sei que, embora enroupado numa capa formidável de romeiras e de peles, as pernas aconchegadas por safões de pele de borrego e os queixos cingidos por um lenço sarapantão e pela gola, o frio das alturas da Serra me anavalhava sem piedade, ferina, cruelmente... Ainda hoje estou para saber como diabo aguentei ali, sobre o assento da carripina, as vinte horas de viagem, apenas com brevíssimos descansos em Ferreiros e Santo António do Maxial, e os competentes carcários de aguardente de medronho, rascante como pólvora!... O que lhes posso assegurar é que, às nove da noite seguinte, as mulas já moídas de pancadaria sobre os lombos roliços me depunham em Castro Verde, aonde já me esperava o carro de molas de azinho, no qual seguiria para a herdade do meu amigo:

— Vossoria é que é o senhor doutor? O patrão mandou-me cá para o levar para o «monte», senhor doutor...

— Pois vamos lá com Deus, amigo! É ainda muito longe a herdade?

— Não senhor, patrãozinho! É ali já!

Ali já, em linguagem alentejana significa pelo menos quatro léguas! E é que eram, santo Deus!...

Ah! mas valia bem a pena suportar essas quatro léguas e mais as vinte horas de carripina só para apanhar o rijo abraço do meu amigo

— Oh compadre, então a comadre não aparece? Quero vê-la, compadre Miguel!

— Tenha paciência o compadre doutor, mas a minha Maria só aparece lá para a meia noite. É uma surpresa, compadre doutor!

— Homessa!... Bem: esperemos pela meia noite!...

O calor penetra-nos os ossos, desentorpece-nos, acaricia-nos. Oh a delícia duma lareira

casadoira, e que traz ao colo o irmão mais novo, até ao Manecas que esta noite já apanhou açóites duas vezes, há petizes por todos os lados: surgem do canto da lareira, do colo do pai, debaixo das mesas, das portas, da herdade... Eia com a bréca! donde diabo vem toda esta miudagem?

— Eh compadre Miguel! Quantos filhos tem você?

— Por enquanto tenho só dez!

— E o compadre diz só?

— Oh homem de Deus! Pois um homem para que diabo se casa senão para ter filhos! Eu cá quando estava para casar o meu pai logo me avisou: «Oh rapaz, olha que isto de casamento é fonte de filhos!» Pois que venham, disse eu, e Nosso Senhor dará para todos! Porque o compadre doutor há-de perdoar, mas um homem ou uma mulher quando se casam não é para andar na paródia: é para viver juntos e ter filhos que é a lei de Deus! E o Senhor seja louvado que nunca me faltou que lhes dar! Deus dá para todos! Venham filhos!

E fomos para a mesa, toda ela um enlêvo de culinária e doçaria.

— Eh compadre doutor, encha-me essas tripas que hoje é noite grande! Traz vinho moço!

Olho em redor. Está toda a filharada do compadre Miguel, as duas cunhadas que com ele vivem, o sogro, o tio e a criadagem...

— Oh compadre Miguel, inda que mal pareça perguntar, então a minha comadrinha não vem hoje consoar connosco?

— Descanse o compadre doutor: ainda não deram as doze no relógio da vila que é quando nasce o Menino... Não vem ela mas alguém por ela. É lá uma coisa que lhe deu na bôlha! Quer-lhe fazer uma surpresa, senhor compadre!

Bem esperemos pela surpresa! Que diabo será?... E para nos divertirmos de vez em quando gritamos, com toda a gana eu e o compadre, lá da porta da cosinha para o fundo do corredor aonde fica o quarto dos meus compadres:

— Eh comadre Maria: ele sempre vai um copinho, hein? Vá lá para ajudar à surpresa!

— Eh Maria — é o meu compadre que berra, com a petisada agarrada ao casaco — essa surpresa vem ou não vem? Queres um bolinho de bacalhau?

...Mas do quarto do meu compadre só vem um murmúrio. Luzes que andam para cá e para lá, uma azafama, um cheiro pronunciado a herbas secas... Se calhar temos outro presépio! Venha ele que os meus olhos andavam aguados destas coisas patriarcais e familiares!... A petisada sorri, faz uma grulhada de mil demónios: estala em scintilas o toro de azinho a arder na vasta lareira...

Nisto, da torre da vila longínqua, sonoras, argentinas no meio do silêncio da imensa solidão que reina lá fóra e da qual apenas é senhor incontestado o vento, caem com largo espaço as dôze badaladas... Oigo ruído lá para o fundo do corredor... Decorrem cinco, dez, quinze minutos...

E então, pelo corredor enorme, avisto um cortejo. Alguém num alegre acompanhamento, traz não sei o que é ao colo. Os moços da lavoira levantam-se e põem-se diante do presépio cantando vilancicos ao Menino: os petizes do meu compadre, êsses organismos danças de roda e bailam ao clarão da fogueira enorme:

Aquela Menina
Do vestido azul,
De tanto que bole
É um bule-bule!...

Anda cá se queres,
Anda cá se queres;
Pelo mundo inteiro
Não fallam Marias!...

— Compadre doutor — oigo a meu lado murmurar uma voz: aqui tem a surpresa do Natal que lhe estava reservada por Noss' Senhor! É o seu novo afilhado!... Que Deus nos abençoe a todos e o compadre ao seu novo afilhado!... Nasceu ao mesmo tempo que o Menino Jesus!...

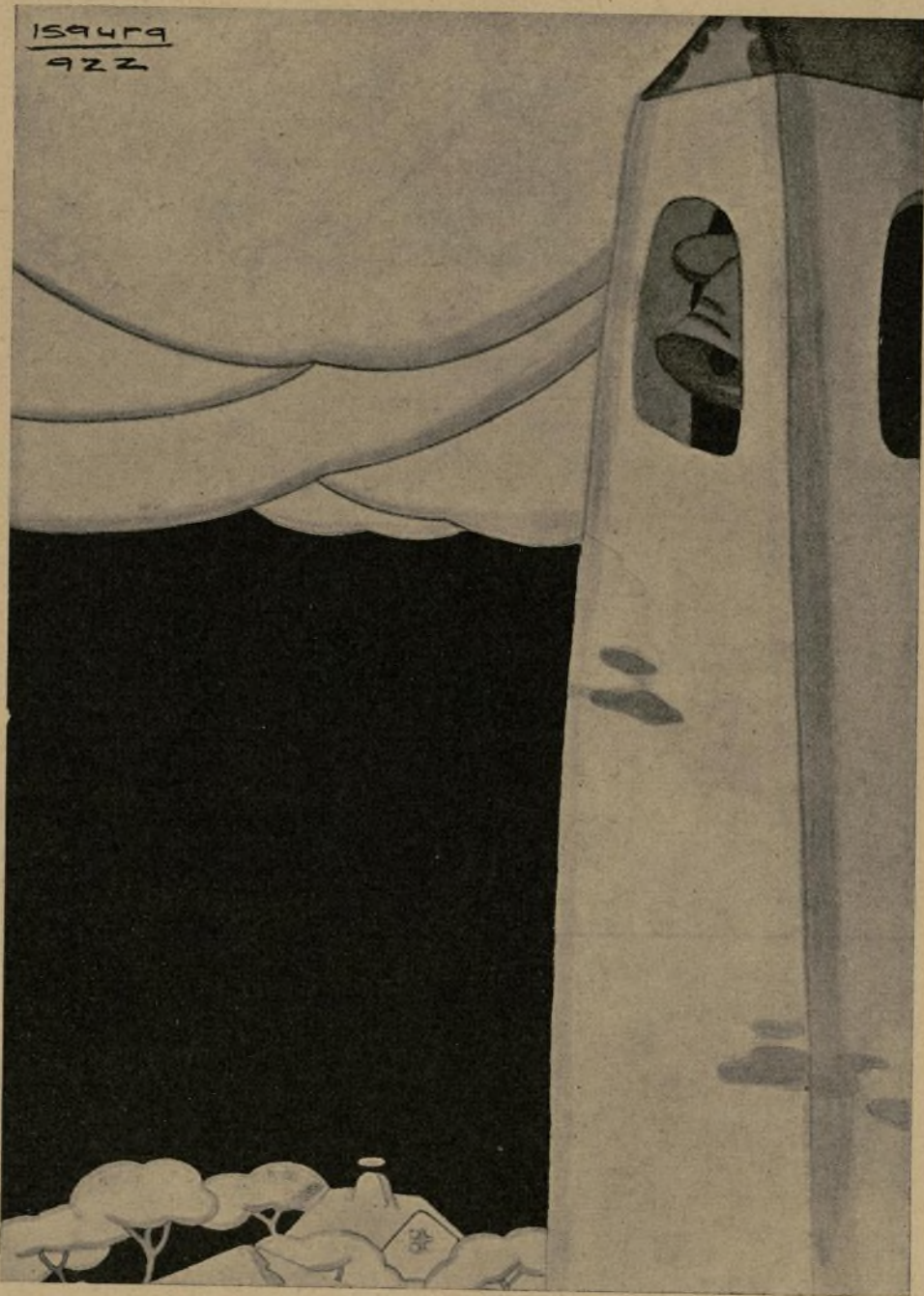
...Tomo nos braços trémulos o presentinho que o Menino Deus trouxe naquela noite bem-dita para regalo do meu excelente compadre e encanto dos meus olhos de solteirão, doido por crianças. É um rapagão forte, lindo e berra como um cabritinho!

— Vai para o peito da tua mãe cachopo!

— E agora, senhor compadre doutor, vamos ao resto da ceia! A sua comadre não come connosco mas dá-nos de comer!...

E a pôr um digno remate naquele duplo Natal de família:

— Já tenho onze, senhor compadre!... Mas se fôrem dôze não me ralo!... Os apóstolos eram dôze!... É para que saiba, senhor compadre! Mõça, traz mais vinho! E viva o Menino Jesus!



e entrar no concheiro quentinho da sua lareira... A grande cosinha toda caiada com os seus poiais exibindo cantaros, os escarpantes cheios de grandes pratos coloridos e as prateleiras luzindo estanhos e cobres, parecia verdadeiro fogo de artifício ao clarão dos tôros de azinho e de oliveira que ardiam desfazendo-se em estrêlas...

destas para quem vem tranzido de friagem e de neve!... Para me distrair olho em redór. A mesa está posta, grande e repleta de louças, vidros e folhagem... Mas, a breve trecho, os meus olhares vão todos para o lindo presépio armado a um canto, e para a petisada que surge por todos os lados... Desde a Maria do Céu, já



RECEITAS DE COSINHA

Há quem diga ser Paris a cidade onde se come melhor e mais requintadamente, onde os menus são mais exclusivos e variados e a arte culinária mais aperfeiçoada.

Os seus primeiros cosinheiros primam em apresentar sempre coisas inéditas.

Agora, a última moda é cosinhar à maneira de vários povos, escolhendo o que lá existe de mais estranho e singular.

Desvendamos hoje às nossas leitoras o segredo de cosinhar

GALINHA À MANEIRA ÁRABE

Prepara-se convenientemente uma boa galinha e cose-se.

Separadamente, fritam-se em manteiga algumas amêndoas descascadas, passas de Corinto, cebola muito bem picada e arroz previamente lavado. Estas operações podem fazer-se sucessivamente, para empregar uma só caçarola. Os restos da manteiga de fritar juntam-se todos. O arroz frito é depois cosido no caldo da galinha, devendo ficar enxuto.

Prepara-se em seguida o prato da seguinte maneira: a galinha trinchada arma-se em pirâmide, que se regulariza com o arroz; craveja-se este com as amêndoas fritas e as passas, depois de salpicado com a cebola; enfeita-se o prato com ovos cozidos, cortados graciosamente.

Rega-se tudo com as manteigas derretidas e serve-se.

VACA À MANEIRA PERSA

Escolhe-se um pedaço de carne da perna que não seja muito tenro, e põe-se numa caçarola coberta de água, deita-se-lhe sal, pimenta, cebolinhas, cenouras, azeitonas, castanhas piladas, toucinho, vinho branco e salsa.

Põe-se ao lume e deixa-se ferver até estar cosido e o molho muito apurado.

Querendo, pode passar-se o molho pelo coador, mas, em geral, vai tal qual para a mesa.

CABEÇA DE ACHAR

Limpam-se muito bem e tiram-se todos os pêlos, com a ajuda de um ferro em brasa, a 2 quilos e meio de cabeça de porco salgada; põem-se numa caçarola grande, cobrem-se com água e deitam-se-lhes duas cebolas grandes, duas

cenouras, um ramo de salsa e 6 grãos de pimenta. Deixam-se ferver em lume forte umas duas horas. Estando cosida tiram-se-lhe bem os ossos, partindo-se a carne em bifes e a parte da orelha e gorduras em tiras. A água que ficou de coser a cabeça coa-se e juntam-se-lhe um cálix de vinho do Porto e uns pingos de assucar queimado. Caso seja mais de um litro, deixa-se reduzir. Tira-se a gordura primeiro com uma concha e depois passando por cima um papel pardo. Juntam-se-lhe umas 10 folhas de gelatina derretida em água muito quente e leva-se ao lume a levantar fervura. Clarifica-se como aspic. A fôrma onde se enforca a cabeça de Achar precisa de ter uma tampa que entre dentro da fôrma. Deita-se um pouco de geleia dentro da fôrma e põe-se a arrefecer; sobre a geleia colocam-se em camadas a carne em bifes e as tiras da orelha e gordura. Estando a fôrma cheia, deita-se-lhe, a pouco e pouco, geleia derretida até cobrir a carne; tapa-se com a tampa e põem-se sobre esta uns pesos grandes. Deixa-se ficar a fôrma dentro de água de um dia para o outro, assim como o resto da geleia, que depois serve para guarnecer.

M A L A S E
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE

Bastos Silva, Lt.^a Rua S. Nicolau, 81
Paris - Chiado Rua Garrett, 64

Grafologia

N.º 243 — *Caprichosa* — Espírito afectuoso. Temperamento saudável e forte. Vontade indomável e de uma só face. Economia, aptidões para o comércio e aparência exterior cuidada e atraente.

N.º 244 — *Aiezarg* — Um bom grafismo em toda a acepção da palavra. Senso prático. Método, prudência, actividade física e mental. Boa disposição geral. O único defeito é talvez o seu génio facilmente impressionável e «teimoso».

N.º 245 — *Garola* — Frieza aparente, sabendo guardar os seus pensamentos mais íntimos numa máscara de dissimulação. Bondosa e amando a harmonia geral e pacífica.

N.º 246 — *Ao volante do meu «Rolls-Royce»* — Indecisão ocasional, hábitos de sociedade, condura e diplomacia. Bondade natural e sincera, sabendo, contudo, calar, quando tanto é necessário para a sua valorização social. Incapaz de uma atitude dúbia.

N.º 247 — *Teimosa* — Permita-me que a contradiga. É de uma susceptibilidade extraordinária e bastas vezes se tem já arrependido por



TILAI
ESTUDIO
DE DANÇA
RITMICA, PLAS-
TICA, MIMICA

2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82
CAMPOLIDE

não saber ou não poder ser... teimosa. Dispêndio, afectividade, amando as artes e o conforto doméstico mais do que a vida do ar livre.

N.º 248 — *Meco* — Energia vigorosa irradiando de todo o seu ser calmo mas violento. Um pouco brigão quando as ocasiões para tal surgem inesperadamente. Intellectualidade, actividade mental e física. Escrevendo mais do que lê.

N.º 249 — *Marilena* — Indecisão, mobilidade de ideias e tendências, talvez resultante da sua idade... Nervosismo, comoção e sentimentalismo. Sabe manter todos os seus pensamentos devidamente ordenados. Falta de opinião própria, sabendo todavia manter-se sempre digna e simpática.

N.º 250 — *Nato* — Espírito observador naturalmente irónico e sociável. O egoísmo latente é porém dissimulado pelos seus gestos e atitudes aliás «satis reproche». Economia por vezes exagerada, sabendo timonar a sua barca de maneira a evitar os escolhos da vida e forma a merecer sempre mais do que dá.

N.º 251 — *Escovinhas* — Espírito um pouco imitativo, procurando subordinar as suas ideias sob a opinião já emitida por outrem. Falha de originalidade, sabendo contudo dispor as suas «tropas» de maneira a triunfar no momento oportuno.

N.º 252 — *Irami* — Coimbra. — Os seus defeitos não são graves: um pouco de egoísmo muito natural nos tempos que vão correndo. Uma parcela de vaidade facilmente explicada pela sua situação. Verifico que é activa, prudente e sabe guardar a atitude que lhe convém ante os problemas da sua vida. Mil agradecimentos pela sua amável oferta aos pobresinhos.

N.º 253 — *Duriense* — Actividade mental subordinada a um temperamento caprichoso e impulsivo. Precipitação prejudicial que poderá provocar dissabores. Simplicidade relativa e egoísmo dissimulado. Bondade natural e sincera.

N.º 254 — *21 de Maio* — Disciplina, calma ponderada e equilíbrio de faculdades. Mobilidade de sentimentos, sabendo contudo dominar as suas tendências segundo um critério ajuizado e digno à sua situação. Economia geral e espírito administrativo.

N.º 255 — *Flor de Santarém* — Com efeito, este grafismo indica uma complexidade de instintos que se não forem devidamente reprimidos poderão dar lugar a graves sensaborias, principalmente no sentido das tendências materiais, tais como a violência e a falta de domínio próprio. Muito penhorada agradeço a sua oferta aos pobresinhos.

N.º 256 — *Lisnarima* — Actividade tão desenvolvida, que dir-se-hia absolutamente masculina. Limito-me a analisar os característicos gerais aliás em desacôrdo com o sexo, luta da economia com as tendências para gastar demasiado e vitória destas. Precipitação resultante de uma vida profissional bastante ocupada em afazeres que não são decididamente os de uma dona de casa ou de uma mãe com um bebé «de rosadas mãos». Não obstante, vejo que possui um espírito lúcido das suas ideias um pouco altivas e uma grande actividade mental aliada a uma fecunda imaginação.



Que frio!

Não ha certamente cousa mais agradável para o seu Esposo do que, depois de um dia de trabalho e talvez de contrariedades, ser recebido com um quente sorriso dentro de uma casinha bem aquecida



**caloriferos da
VACUUM**

A venda na

Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias

N.º 257 — *Petit oiseau bleu* — Um grafismo indicando um espírito dotado de excelentes qualidades. As suas faculdades principais consistem na ponderação, reserva prudente e sua soria, a reflexão latente em todas as suas atitudes e a preocupação em guardar as devidas distâncias entre todos os seus gestos e pensamentos.

N.º 258 — *Boneco* — Baixo Alentejo — Doçura de caracter e sentimentos. Aspirações fervorosas num futuro melhor. Dificuldade de realização subordinada a uma demasiada credulidade prejudicial à sua vida prática. Entusiasmo ocasional e exagero de expressões.

N.º 259 — *Cheba* — Originalidade, temperamento artístico, superioridade consciente, altiva, orgulhosa das suas faculdades num meio que considera ingrato. Dissimulação que não consegue, porém, ocultar a sua vaidade profissional, a sua natureza apaixonada, a sua imaginação exaltada e as suas atitudes cautelosamente estudadas. Em resumo: a sua máscara é transparente...

N.º 260 — *Miss the riente* — Bondade agitada, benevolência natural embora sabendo bem desenvolver-la tendo em vista a sua segurança pessoal. Egoísmo relativo e independência de caracter aliada a uma certa originalidade.

N.º 261 — *Jicovo* — Porto — Doçura de sentimentos, afectividade contrariada por um espírito naturalmente indeciso e pouco confiante. Mobilidade de impressões manifestando-se, ora com grande entusiasmo ora com extrema frieza.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos



podem todas as ex.^{mas} consulentes da Voga, reendereçarem estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista men-

sal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

— *Y*ou are a Pole...
Travam em inglês não sei que rápido diálogo. Cernuwez resolve-se e grita. Ressaltam daqui e além palavras russas e polacas. Por fim, a contenda acalma-se de chofer. Aproveito o ensejo para me levantar.

— Boa noite, meus senhores.
Sir Archibald sacode-me rudemente a mão. Cernuwez, transbordando de cordealidade, improvisa um discurso de despedida:

— Marquês, esta noite bebemos...
Sim. Não se pode negar. Entretanto, sir Archibald prepara-se também para partir. Está a verificar a conta. A sua carteira é bem inglesa, desmesuradamente grande e de um coiro côr de sangue de boi, berrante.

O caique de Falkland espera na ponte do hotel, ao lado do meu. O príncipe, que fica em Buyukderé, gesticula na margem. Não tardará que o seu cocheiro o meta à força na carruagem, — à cossaca. Largamos. Os meus caik-djis remam para cima, para alcançarem a corrente. O outro caique, pelo contrário, deixa-se derivar: Canlidja é muito para baixo. Atrás, a voz de Cernuwez continua a declamar para nós, na noite. Palavra de honra, agora mesmo chama êle os bons autores em sua ajuda:

— *Pour la dernière fois, adieu, seigneurs!*
Como estas noites do Bósforo são húmidas! Parece-me que uma mulher deve sentir muito frio dormindo só, por cima da água, num pavilhão em sacada...

XV

Transpus a ponte. Tomei a primeira rua à direita. E espero, conforme se combinou... Então, aqui é Stambul? Desilusão. Eu supunha que, passada a ponte, ao primeiro relance, ficaria assombrado perante Stambul. Nada disso. A praça de Emin-Runu, que aqui está, reproduz fielmente a praça de Karakeny. É a primeira

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

rua à direita, sem nome e sem números, é feia. Pitoresca, talvez: uma espécie de desfiladeiro tortuoso, magnificamente porco, onde se agita uma multidão variegada. Mas as vielas de Galata, mesmo as de Pêra, são semelhantes.

Duas horas? Não. Já suspeitava ter chegado cedo. A exactidão militar prega boas peças a quem tem entrevistas. Lembro-me de uma história de há vinte anos, cómica: a de um alferes que conseguira de uma dama muito loira a promessa de passar, por acaso, às duas horas precisas, à entrada da ponte que liga a estação de Saint-Lazare com o hotel Terminus. O pobre diabo, metido numa série fatal de acidentes e catástrofes, os cavalos do fiacre desbocados, transeuntes contundidos, multidão alvoroçada, polícia, prisão, commissariado, — só chega ao sítio combinado às duas horas e vinte minutos. Ninguém. Desespêro. Vai-se embora. À noite, um bilheteinho irritado informava-o de que a dama, tendo chegado às três menos dez e partido às quatro e um quarto, depois de esperar em vão oitenta e cinco minutos, o considerava um garoto e um imbecil, e lhe pedia que não lhe aparecesse mais.

Esta primeira rua à direita deve albergar, de manhã, um mercado de legumes. Patinho sobre uma camada de folhas de alface, e andam no ar perfumes de couve. Empurram-me por todos os lados. Os habitantes d'este bairro são mais céleres que os mortos da balada. Correm, acotovelam-se, chocam-se, gritando em altos brados. Os *hamals* (carregadores) pululam. Evidentemente esta Stambul não é a verdadeira: estou muito perto do porto, da ponte, de Galata, de Pêra, da Europa...

Ah! Uma sombrinha branca ao cabo da rua, por cima da ondulação dos fezes e dos turbantes... Impossível! Faltam ainda dez minutos para a hora marcada. E todavia, é certo.

— Bons dias! Esperou muito?
Um apêto de mão franco. Lady Falkland traz um saco de papel amarelo, de que me apodero.

— Sim, leve isso. São uns doces de que o senhor gosta e de que eu também gosto. Como o meu chirket chegou cedo, passei pela tenda de Hadji-Bekir.

— Hadji-Bekir?
— O confeitiro turco da moda. As senhoras distintas do bairro de Schah-Zadeh não compram uma amêndoa noutra parte. Por aí não. Voltamos à esquerda. Tenho horror a essas ruas gregas. Vou conduzi-lo onde há que ver.

Ela caminha, furtando-se habilmente aos encontros da multidão. Vejo-a levantar a orla da saia. Traz um vestido de grossa étamina escura

e sapatinhos cinzentos, sólidos, que não teem medo desta calçada pontiaguda, terrível.

Hein? Logo que se deixa esta rua — a primeira rua à direita — entra-se na paz e no silêncio. Caminhamos entre dois muros, por cima dos quais se inclinam velhas figueiras. O solo tem ravinas; ranchos de galinhas esgaratam na poeira. Entre as figueiras, erguem-se, espaçadas, três casas de madeira, cujos salnichires envidraçados, gradeados e velados por cortinas brancas, muito aseadas, parecem não oferecer segurança, suportados por esqueques carunchosos, cujos pregos estão a ceder. Um gato vê-nos aproximar, sem receio. Estão a dormir ao sol cães amarelos, deitados de lado, como os lobos. Nem um transeunte. Dir-se-ia estarmos em pleno campo. Então isto é Stambul, a capital do Comendador dos Crentes? Impossível! Um burgo, uma aldeia...

Lady Falkland volta-se, vê a minha estupefacção e desata a rir:

— Está muito admirado, não é verdade? Sim, é Stambul. Aposto que isto lhe lembra uma aldeiazinha. É uma aldeia, mas enorme. Para chegar ao fim, é preciso andar duas léguas.

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$00 esc.; pelo correio, oculto, 26\$00. Preço do n.º 3, 40\$00 esc.; pelo correio, 42\$00. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Estes produtos, não prejudicando nada o organismo, teem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

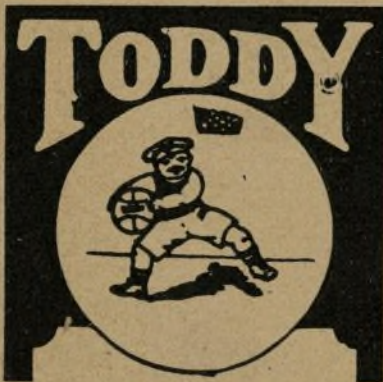
LABORATÓRIO ORCEL. Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA; e FARMACIA LUSO-BRITANICA — FUNCHAL.

Mas em todo o tracto, o que se vê é semelhante a isto.

Parámos. O gato que nos esperava, deixa-se afagar sem a menor apreensão. Ela explica-me:

— Nos bairros turcos, os animais são bem tratados e não teem medo das pessoas.

(Continua)



Dá ás crianças uma saúde de ferro
É o alimento energico por excelencia para
novos e velhos

À venda nas farmacias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA



PIANOS
AUTOPIANOS
ORGÃOS
GRAMOFONES
E DISCOS

As melhores marcas
Os melhores preços

SASSETTI & C.^A

54, 58, Rua do Carmo

— — — LISBOA — — —

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



A graciosa e distinta
actriz, Mademoiselle
Anita Salambó, com
ondulação permanente
executada nesta Aca-
demia



Mademoiselle Laura
Feijó, com ondulação
permanente executada
nesta Academia



D. Elvira Silva, com
ondulação permanente
executada nesta Aca-
demia

Por gentil deferencia de mesdemoiselles
ANITA SALAMBÓ,
LAURA FEIJÓ
e A. ELVIRA SERRA
publicamos as suas respectivas fotogra-
fias com ondulação permanente exe-
cutada na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

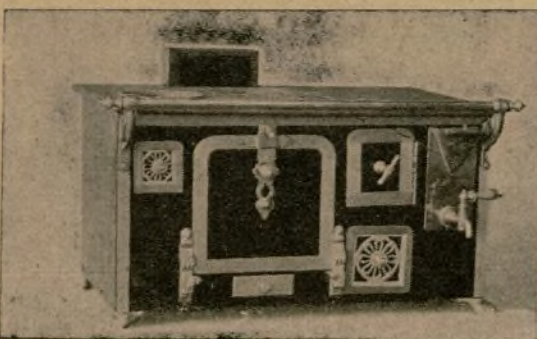
ALBERTO DA SILVA

FABRICANTE de Fogões em todos os
géneros, tamanhos e sistemas, com aque-
cimento para casas de banho, cofres e
casas fortes à prova de fogo, garantidas

ESPECIALIDADE EM FOGÕES
PARA HOTEIS

ESCRITÓRIO E OFICINAS

R. ARCO DO BANDEIRA, 129 e 131



Projectos e orçamentos
para todos os trabalhos
::: de serralheria :::

OFICINAS GERAIS

R. DO SOL (a Chelas), 38

Telefone N. 954

LISBOA

SALAO PARADIS CHAPEUS DE SENHORA

Direcção técnica de
MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA
EX-PRÉMIÈRE DO MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema
francês — Copias de modelos parisienses em todos
os estilos — *Arte, Souplesse, Elegancia* — ESPECIALI-
DADE: Chapéus de luto, soirée e scena

Rua da Gloria, 95, 2.º — LISBOA

Telefone: Norte 5898

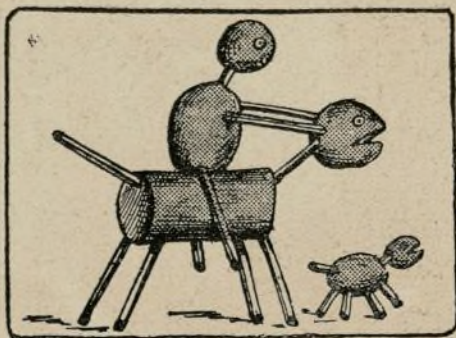
O «TI JAQUIM» QUE VAI À FEIRA...

O Toninho, não rias tanto! Olha que te pode fazer mal depois de jantar!

— Mas, oh mamãzinha, é tão engraçado! Parece mesmo êle, a cavalo no burro com «Fiel» à frente a ladrar aos automóveis!

E o papá, o escultor da estranha obra de arte sorria-se desvanecido ao vêr o sucesso obtido com a sua idéa.

A construção fôra fácil. Uma rolha bem lim-



pa, alguns fosforos, uma batata córada tirada em segredo da guarnição do peru, um rabanete pequeno deixado por acaso na saladeira (que o Toninho é doido por salada!) e duas azeitonas, foram o bastante para conseguir o fim em vista.

Primeiramente, «nasceu» o cavalo, feito com a rolha, os fosforos fixos conforme mostra a gravura, a batata devidamente recortada e os dois pedaços de azeitona fixos com dois pequenos alfinetes a simularem os olhos do animal.

Depois o cavaleiro. Mais cinco palitos de dimensões apropriadas, fixos a um rabanete bem vermelho e a cabeça do «Ti Jaquim» obtida com uma azeitona onde dois pedaços de casca de tangerina ou de laranja, representam os olhos e a boca.

Falta o chapéu. É facilmente obtido, um ver-



dadeiro chapéu de aba larga moldado com miolo de pão amolecido entre os dedos.

O «Fiel» foi também «esculpido» com duas azeitonas e seis pedaços de palitos ou de fosforos, para em seguida ser colocado à frente do cavaleiro tal qual na realidade.

E pronto, a estátua equestre estava concluída!

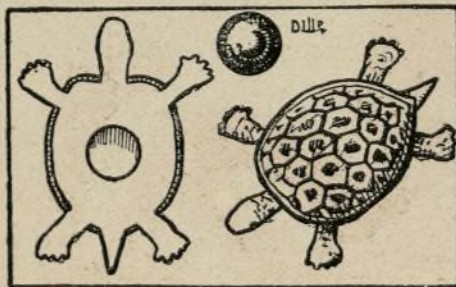
Mas o Toninho, doido de contente queria mais, outros personagens:

— Ah! que se o papá fôsse capaz de fazer também o homem do talho!

— Porque não? Olha aqui tens o homem do talho, a mulher da hortalica com o filho pela mão, o rapaz dos jornais!

Mais três rôlhas cortadas pacientemente, e os mesmos materiais, os fosforos e as azeitonas, satisfaziam dentro em pouco os desejos do Toninho. Como complemento, o papá construiu ainda uma tartaruga com uma casca de noz deixada no prato.

Uma meia casca dêsse fruto sêco, colada a



um bocadinho de papelão recortado de forma a representar as patas do animal, foi o suficiente para «construir» o bicho.

A casca de noz foi em seguida chamuscada com um fosforo e com a ponta de um cigarro acêso foi «malhada» de maneira a dar-lhe o verdadeiro aspecto de uma verdadeira tartaruga.

O Toninho estava radiante, nunca tivera um jantar de Ano Bom tão divertido!

Pouco depois, surgia na mesa um verdadeiro pião a rodar, a rodar em volta de um copo. Tinha sido feito com miolo de pão e moldado entre os dedos!

Mas, de tôdas as habilidades apresentadas pelo papá, aquela que maior sucesso obteve foi sem duvida a bailarina equilibrista no arame, tal qual como no circo!

Ainda com o auxilio de uma outra rôlha, à qual havia sido fixa uma boneca feita de miolo de pão, as sâias obtidas com o envólucro de papel de um bonbon, o papá conseguiu, espetando-lhe dois garfos, equilibrá-la ao longo de um fio sobre um suporte obtido com um pouco de madeira cortado de uma caixa de fosforos.

PARA O DIA D'ANO BOM

E a bailarina equilibrista, balouçando-se no fio, não caía dêle por mais que a tombassem! Era um fenomeno verdadeiramente inexplicavel... para todos aquêles que desconhecem ou já esqueceram as leis práticas da gravidade.

Sem sequer se ter levantado da mesa, ali, após o jantar alegre de Ano Novo, o papá, obtivera todos os materiais necessários à confecção de inúmeros brinquedos para alegrar o seu filhinho. E a tal ponto, que a mamã sempre receosa da saúde dêle, pôz fim à secção recreativa, recomendando novamente:

— Oh Toninho, não rias tanto! Olha que pode fazer-te mal depois de jantar!



II

O LUSTRE IMPROVISADO

NADA há que alegre mais uma reunião de Natal ou Ano Bom, do que a abundância de luzes fulgurando brilhantes na sala ornamentada com um lustre bizarro pendente do tecto.

Como, porém, os lustres caíram em desuso devido ao seu preço elevado, tornando-se tão difíceis de obter, ver-nos-hemos obrigados a lançar mão de um «aparelho» improvisado para esse fim.

Nada mais facil.



Tomemos um arco vulgar, dos que são usados pelas crianças para brincar e depois de tê-lo pintado com uma cor viva, (vermelho por exemplo), ou forrado com papel ou setineta dessa cor ou qualquer outra, preguem-se nêle a igual distância, um certo número de pregos suficientemente longos e não muito grossos.

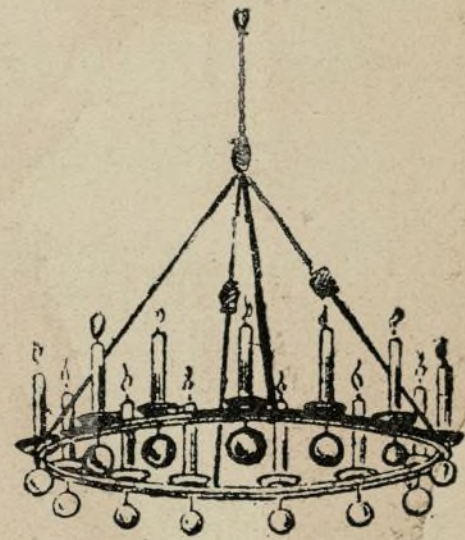
Em seguida, caso não haja iluminação electrica em casa, ou se deseje para obter maior efeito, prescindir dela, fixem-se nesses pregos, cotos de velas que poderão ser das vulgarmente usadas nas arvores de Natal e por isso de cores variadas.

Enfiando nessas velas um número igual de «bobeques» a fim de evitar que stearina caia do lustre, resta-nos ligar o arco assim preparado a quatro fitas de cor igual que por sua vez serão ligadas a uma única fita que servirá para suspensão do tecto.

Se pela parte inferior do arco suspendermos sob cada vela uma pequena esfera das usadas na ornamentação das arvores de Natal, teremos assim um esplendido lustre que muito concorrerá para completar a ornamentação da sala.

Ainda mesmo que, para maior segurança, se deseje utilizar a iluminação electrica existente em casa, com um certo número de pequenas lampadas de cores variadas, poder-se-ha da mesma maneira, obter o efeito desejado em volta do arco igualmente suspenso do tecto conforme a gravura.

E eis pois um lustre fácil de obter e muito económico!



plicissimo mas, em breve, todos verificarão a sua dificuldade.

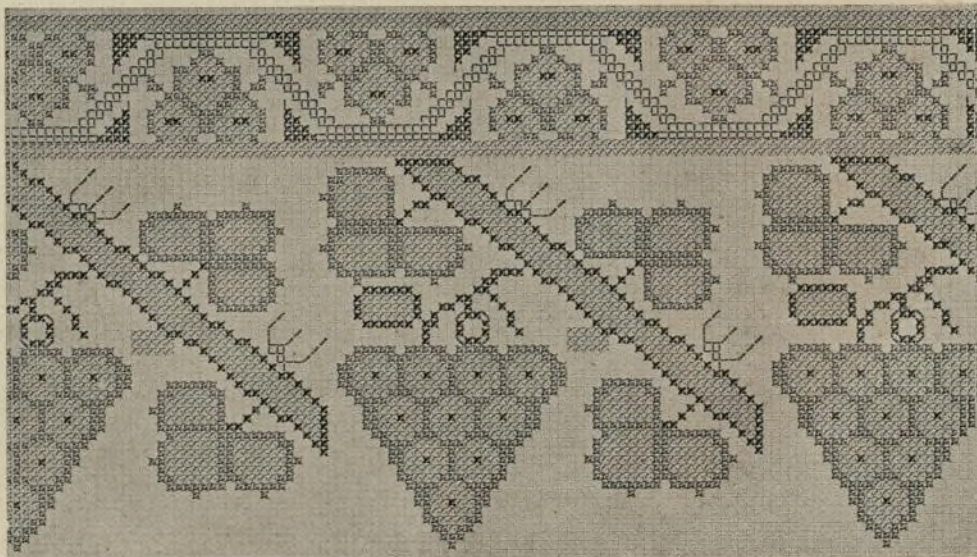
De todas as pessoas, presentes, aquela que mais legivelmente tenha escrito, será a premiada pela sua destreza, habilidade e força de vontade.

UM LINDO BÉBÉ



A menina Maria Teresa, de 2 anos de idade, filha do nosso amigo e assinante, sr. Severo Baptista Cruz de Moraes, de Obidos. É tão linda que não faltará quem deseje... ter uma dúzia assim!...

OS NOSSOS BORDADOS

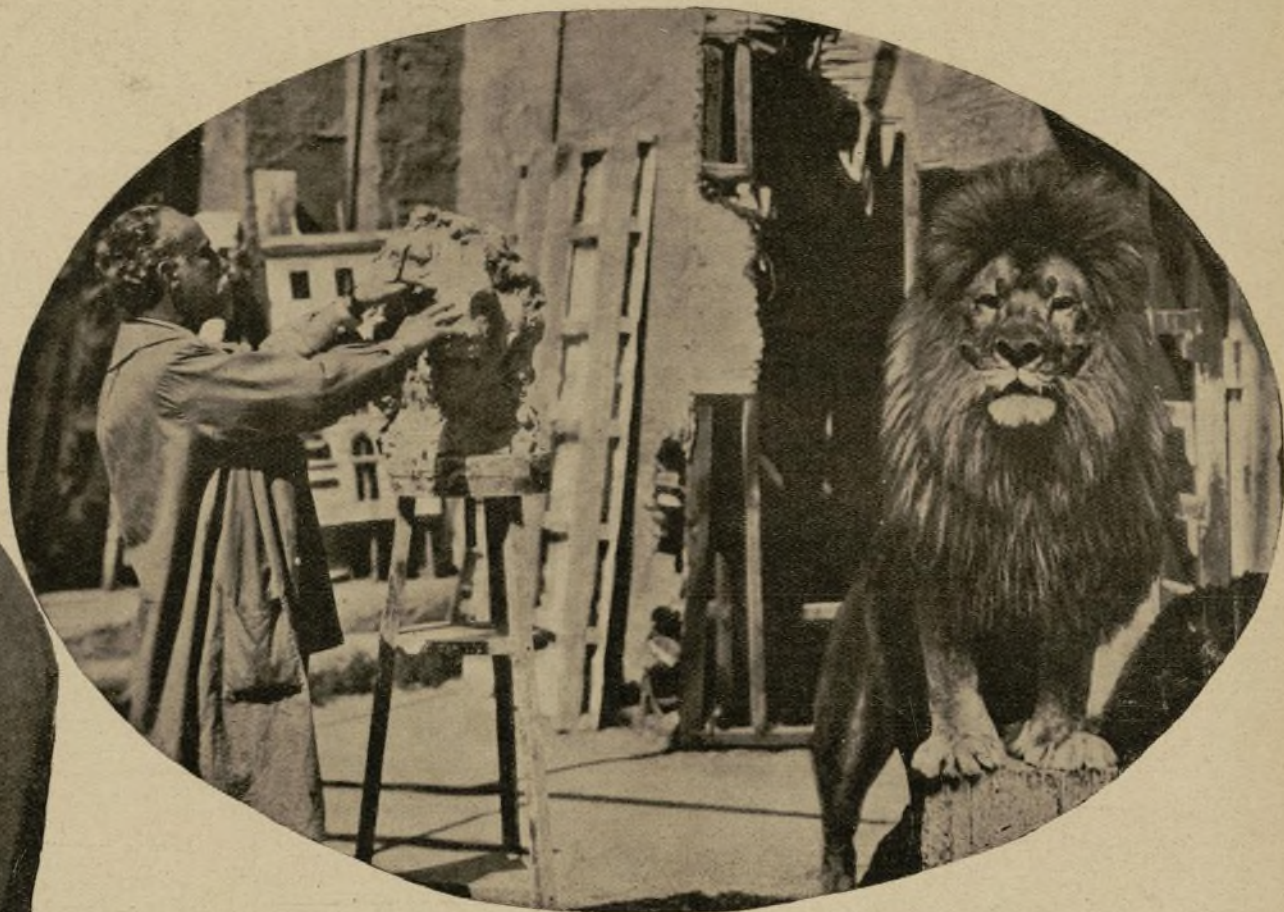


(Os trabalhos a que se refere a nossa página 10)



TÁTA
CHAPELIER EN VOGUE

632
CENTRAL
TELEPHONE



ACTORES DE QUATRO PATAS

A interpretação cinematográfica não vive apenas das faculdades das meninas bonitas e dos mancebos heróicos a lutar pelo bem... e pelas meninas. O cinema, especialmente o cinema que diverte em comédias, farças e disparates burlescos, utiliza-se muitas vezes da rara inteligência, do maravilhoso instinto dos mais dóceis artistas; os animais irracionais. Com o maravilhoso Rin-Tin-Tin, o não menos célebre Alerta, ou outro cão polícia, lobo da Alsácia, de quejanda inteligência, pode realizar-se um formidável filme em que perpassem aventuras e paixões em turbilhão.

O olhar meigo dum cão, o seu instinto prodigioso, a sua magnífica docilidade, são outros tantos factores de éxito seguro. Por isso alguns encenadores se dedicaram em especial aos filmes em que as «vedetas» são bichinhos de capoeira ou canil, ou cavalos garbosos ou gataria dos diabos. Nesse caminho tem-se avançado muito. Todos se lembram perfeitamente, decerto, das proezas do macaco Faustino ou do impagável cãesito Piloto.

Rin-Tin-Tin é um ídolo, Peter e Alerta seus próximos rivais e companheiros de canil. O cãesito que publicamos nesta página, à gargalhada,

malicioso diabrete porque com sua força *hérculea* consegue modificar o peso do dono, chama-se Albertino e ganha como *gente grande*. Existe um ganso actor, algumas galinhas teem dado boa conta de si, bichanos de telhado se revelam mimicos de primeira, e já não é virgem o caso da aparição de rãs e ratinhos brancos em filmes de vária índole. Todos estes bicharôcos, povoando a enorme «Arca de Noé» do cinema, ganham ordenados avultados e teem contractos em fórmula assinados *a rogo*, pelos respectivos possuidores que, nestes casos, se metamorfoseiam em *managers*. Não dizem os anais de Hollywood se, por este facto simples de inversão na escala zoológica, os *managers* do cão Piloto rõem num osso enquanto o artista fuma Abdulas, nem se, enquanto o gato Félix (e este é de papel e tinta), distraí os seus ócios a jogar o bridge, o seu *manager*... anda às gatas. O que sei dizer é que, em minha opinião, nada mais justo do que esta justa inversão. Mas, infelizmente, parece que, na verdade, o que acontece é que os donos dos bicharôcos são infieis depositários dos proventos dos seus pupilos, e estes serão eternamente esbulhados dos seus lucros e dos seus préstimos artísticos, tantas vezes superiores aos dos humanos.

